

**RELATORIO**  
**SOBRE**  
**A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL**  
**DE 1867**

REDIGIDO PELO SECRETARIO DA COMMISSÃO BRAZILEIRA

**JULIO CONSTANCIO DE VILLENEUVE**

E APRESENTADO

**A SUA MAGESTADE O IMPERADOR**

PELO PRESIDENTE DA MESMA COMMISSÃO

**MARCOS ANTONIO DE ARAUJO**

—  
**TOMO SEGUNDO**  
—



**PARIS**

**TYPOGRAPHIA DE JULIO CLAYE**

7, RUA ST. BENOIT, 7

—  
1868

*G. m. 223*

## XIII.

### RELATORIO

DO

Sr. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

---

### BELLAS-ARTES.

---

Antes de conversar com o leitor sobre o estado das bellas-  
artes na Europa, America, Asia e Africa; antes de entrar  
com elle nas galerias, farei um rapido gyro pelo parque que  
rodeia o edificio, e que é a grande maravilha da Exposição  
internacional de 1867! maravilha que acanha a penna e o  
lapis, incapazes de reproduzirem as proporções, a vida e  
movimento, a belleza, a variedade e a poesia de tantos  
artefactos, representando o mundo.

Estamos na porta de Iena.

A nação franceza, pela sua grande cultura do desenho,  
pelo seu gosto natural, imprime em todas as suas obras plas-  
ticas uma grande belleza e uma perfeição technica, que lhes  
são ordinarias; assim como infunde um ar alegre e festivo  
em tudo quanto faz, mesmo quando não aspira ao grande e ao  
sublime. As suas idéas e habitos se tem elevado tanto, que é  
impossivel descer, mesmo nos momentos em que seu genio  
activo e gracioso parece adormecido.

Se a arte creadora, a das sublimes tendencias, se acha agora como que subordinada á arte industrial, sua filha, é porque o mercado se fez templo, a maquina homem, e a moral uma ambição de mil faces. Estamos n'uma phase, n'uma transição, n'um predominio passageiro, porque a lei da perfectibilidade do genero humano pôde ceder, mas não cahir ao peso do materialismo. O espirito humano se ha de revoltar, sobrelevar-se, e resplandecer como em todas as renascenças, como em todas as épocas notaveis de sua ascendencia ao bello, ao santo e ao perfeito. As phases puramente mercenarias são estereis de idéas, porque são de pura fórmula tanto nas letras como nas artes; no emtanto, isto mesmo é um progresso.

Dos primeiros balbucios artisticos até á fórmula correcta, guiada por canones, vai o que se nota da cabana ao templo, do perfil ao sombreado, da poesia orphica a Homero, e de Orcagna a Raphael. A estampa, inda que incompleta depositaria de todas as revelações do passado no que é plástico, ahi está para nos certificar de que o espirito humano, mesmo em seus desvarios, caminha e tende a procurar o bello e a verdade: quando os vôos do espirito se achanão, depois de uma época florescente, lucra a materia pela fórmula, pois que se a arte foge, fica o officio.

Se Julio Cesar voltasse ao mundo, quanto se não extasiaria diante dos progressos do homem! A bussola, a imprensa, a gravura, a electricidade, o vapor, a mecanica, a photographia e as armas de guerra o havião de maravilhar muito mais do que a litteratura, que ainda não excedeu os arrojões de Homero, Eschylo, Platão, e as alturas de Cicero na tribuna ou descrevendo o sonho de Scipião! O zimbório, a ponte pensil, a náó e o encouraçado, não serião a seus olhos mais do que aperfeiçoamentos do templo de Vesta, da ponte, da trireme e do ariete. Elle veria o quanto o mundo moderno, pela sciencia e pela industria, tem centuplicado e abreviado a actividade humana, e posto nas mãos do povo o que em seus tempos faria a gloria e o jubilo dos reis e dos patricios. As reproduções e delicadezas da mecanica, a barateza de

mil e um artefactos desconhecidos, desde o relógio até o velludo, desde a tesoura que corta uma barra de ferro até a agulha mecânica, tudo seria admiração para aquelle engenho, para aquella norma das faculdades humanas!

Deos faz seguir os espiritos iniciadores por apóstolos, por intelligencias propagadoras : após o idealista vem o artifice. Assim vemos depois de Orpheo, Phydias; depois de Platão e Dante, Guttenberg; depois de Hypparco e Nunes, Ramsden; depois de Gioia, o infante D. Henrique; depois de Vinci, Galileo; depois de Raphael e Ticiano, Marco Antonio e Senefelder; depois de Porta, Daguerre; e depois de Herodoto, Cuvier; depois de todos estes grandes iniciadores das artes e das sciencias, os que as propagarão e aperfeiçoarão.

Na Exposição do Campo de Marte se veem todos estes fructos do espirito humano em sua ultima perfeição, e sobretudo o que pertence ao dominio da industria, e de suas actuaes conquistas.

Pertence a nossos estudiosos e amaveis collegas o exame de todas estas riquezas do trabalho humano, em quanto nos limitamos a uma rapida apreciação das bellas-artes, e ás reflexões que julgarmos de utilidade para o nosso querido Brasil, que no meio de suas dôres e gloria não dorme para a civilisação.

É tempo de entrarmos, e de percorrer o parque.

Por uma ala de pendões, a cujas hastes se prende uma tenda de risso verde, semeado de abelhas douradas, se entra para a Exposição, vendo antes de se chegar áquelle Coliseo de ferro, de um lado e de outro as maravilhas dessa nova Villa Adrianna, composta de todas as architecturas do mundo, e tendo em cada um de seus edificios uma idéa, uma industria, ou um prodigio d'arte! Mas antes de pisarmos esse atrio de ferro, adornado de plantas exóticas, de estatuas e de flôres, olhemos para essa diversidade de fontes sonoras, de tectos variegados, de fastigios de todas as épocas, de corucheos, de grimpas, de mirantes, de atalaias, de pharões, de chaminés, que ardem e dão vida a todo esse borborinho mecânico que enche o horizonte do Campo de Marte.

Que espectáculo! Cem mil visitantes de todos os sexos e idades, vestidos de todos os modos, paixão, repassão, se cruzão, se cotovelão, entrão e sahem de todos os edificios, de todas essas lojas esplendidas, depositos diversos, templos, palacios, choupanas, albergues, serrarias, escolas, cafès, casas de pasto, cavallariças, aviarios, padarias, panoramas, e mil outras cousas que iremos numerando.

Se alguém pára, é para contemplar o Arabe do deserto montado no seu camello, passeando á roda do parque, ou ver o elephante da India, dirigido pelo seu cornacá, ou algum estrangeiro levando á mão o asno do Egypto, o frisão dos estepes russos; e se fogem é da locomotiva sem trilhos, que passa arquejando, e infundindo terror e admiração.

Além da orchestra de Strauss e dos cantores de Tunis, ha o concerto monstro de todas as maquinas em actividade, que se assemelha a um Niagara destacando a espaços rochedos, que rolão trovejando ao som dos sinos e carrilhões das circumvizinhanças. A orchestra de Strauss nos transporta ás margens do melodioso Danubio, á estancia das valsas, á formosa Vienna; e os cantores mouriscos aos arrabaldes de Lisboa, onde o povo ainda canta certas melopéas que denuncia sua origem antiquissima; mas nada iguala a esse concerto da industria!

Aquí offega a caldeira, respirando rolos de vapor; bate o malho colossal, range a serra contínua, muge o pharol-trombone, esfusia a roda transmissora; alli, cicia a fonte, murmura a catadupa, ferve o bolhão no lago, espalma-se o chariz, canta o carrilhão, sôa o orgão do templo, ou se ouvem os psalmos dos protestantes, juntos ao seu deposito de Biblias e Evangelhos.

Se proseguem, lá se lhes abrem novas avenidas, novas surpresas, e esse parque reservado, onde se estendem verdes prados, se elevão magnolias e araucarias, descem catadupas, correm ribeiros, alção-se pontes, e onde finalmente estão a estufa colossal com a sua formosa tenda á entrada, os dous aquarios, o pavilhão da Imperatriz, o jubileo dos pinhos e

das camelias; e a casa de pasto aristocratica, onde se come bem e se paga melhor.

A grande estufa está assentada sobre um monticulo artificial, que offerece accesso pelo lado da tenda, e está toda rodeada pelos flancos e fundo de armazens subterraneos, em que se vendem todos os instrumentos e adornos de jardinagem, e uma infinidade de objectos, que pedem um livro para descrevel-os. Fronteira á estufa, e como servindo-lhe de basamento, está a cascata de Neptuno; e aos lados, como dous asperos mamillos, estão o aquario maritimo e o fluvial. O resto do quarteirão está semeado de pavilhões, kiosques, tendas metallicas, refugios, e uma infinidade de artefactos, pertencentes á jardinagem.

A tenda da grande estufa é uma cousa magica! Os véos e as sanefas, sustentados por lanças douradas, cobrem um jardim de mil flôres, e uma fonte no gosto da Renascença, que é um mimo! No fundo estão as entradas para a grande estufa, para o palacio dos fetos, das musas, e das palmeiras! Um coração brasileiro sente nesta perfumada estancia o que sente o desterrado quando repatria: aquellas plantas lhe fallão á alma, mitigão-lhe as saudades, e o conduzem ao paraíso em que nascêra; e tanto mais que, através de seus radiantes penachos, de suas estrellas esmeraldinas e de seus flabellos e flexiveis espatulas, elle ouve o gorgueio de mil aviculas variegadas, presas em um immenso e formoso aviario rodeado de flôres e de lacrimosas fonticulas. Alguem houve que saudou aquellas plantas com um suspiro e uma lagrima!

A impressão que causão os dous aquarios, com suas grutas, sua luz mysteriosa, suas camaras diaphanas povoadas de habitantes do mar e dos rios, é tão grande e tão insolita, que o homem parece caminhar por esses leitos forrados de coraes e de madreporas, e ver á luz fria e crepuscular do fundo das aguas todas essas actinias, essas boninas viventes do Oceano, se abrirem, e sobre ellas voarem mil peixes, como se fossem aves de um outro planeta. O Sr. Dr. Lagos ficou tão enamorado deste espectaculo, que não hesitou em aprender a arte de fazer os aquarios. Que o Brasil lhe seja grato.

Ha cousas que podem ser descriptas pelo discurso, mas ha outras que só o desenho as póde explicar; assim são muitos objectos da Exposição. Tudo o que brilha pela fórma pertence ao lapis e ao pincel o explicar: o meio de que se serviu o engenho para taes creações, é o unico para represental-as devidamente; assim pois declinaremos da tentativa de descrever tantos artefactos, que sendo para o mesmo fim só divergem na variedade das fórmas. É admiravel o que a natureza nos offerece com suas linhas curvas, e o que o homem inventa, unindo-lhe a linha recta!

O quarteirão belga, contiguo ao parque reservado, é um esplendido museo de todos os productos de uma sabia e constante agricultura, que glorifica a Belgica. O arboricultor, o floricultor, o fructicultor e o jardineiro, alli se extasiarão diante de tantas arvores exóticas, de flôres de tantos climas, de fructos de tantas regiões, e de planos tão bem delineados, feitos por quem, ao desenhá-los, vê de antemão a belleza das arvores, a harmonia de seus grupos e a variedade de suas vistas e scenarios. Cada estylo de construcção, e cada material nelle empregado, pede uma arvore que o faça sobresahir e que se harmonise com elle. Esta arte, nascida na Inglaterra e propagada hoje por toda a Europa, está muito aperfeçoada. Os jardins de Luxemburgo, os de Potsdam e do antigo eleitor de Cassel, são exemplos admiraveis desta arte, muito mais bella que todos os esforços do genio italiano e francez, empregados em Boboli, Pratolino, Vaticano, Caserta, e Versailles.

Neste mesmo quarteirão belga estão varias estatuas de bronze e marmore, e um annexo ou galeria de paineis, de que fallaremos quando entrarmos nestas materias especiaes.

Voltando o passo á avenida da Europa, orlada de estatuas equestres, entramos no quarteirão allemão e peninsular, onde se veem varios specimens de construcções de madeira e de pedra. Da choupa primitiva vai-se á casa austriaca, á izba russa, ao chalet suiso, e passa-se do annexo pompeiano da Suissa aos da Hespanha e Portugal.

A patria do chalet quiz acolher seus paineis e estatuas em uma galeria, longe da trompa dos Alpes e dos regelos inimi-

gos dos valles. A Hespanha foi pedir a Salamanca um palacio da Renascença, em vez de pedil-o a Toledo, e mostrar-se na architectura musarabe o que ella é, e ao que deve a originalidade de seus habitos. Portugal foi mais feliz. Construiu um dos mais bellos ornatos do parque, todo no estylo manuelino, nesse estylo que revela Cintra e Belem, e que em seu claustro abysma a imaginação de todos os architectos!

Em concurso com o annexo portuguez está um pavilhão mourisco, feito em Berlim. A riqueza da materia, a belleza do desenho e a perfeição da execução, attestão o alto grão das artes e dá industria prussiana.

Aqui está a chamada Aldêa austriaca, com suas cabanas artisticas, sua cervejaria no meio e casas á roda, dansando a valsa, como disse um escriptor francez.

A cerveja é um sudatorio ebriativo, proprio para os climas frios ou para selvagens. Os Europêos do Norte a bebem na America por habito, e os Brasileiros para se estragarem; e tanto é assim, que o clima não ajuda sua confecção.

Ha neste quarteirão, assim como no sector francez, um grande espaço para os estudos do Presidente da Commissão, que chamou a si tudo o que houvesse sobre instrucção publica na Exposição. As escolas primarias da Saxonia e da Prussia são admiraveis em tudo; e os modelos que se achão no interior do palacio darão motivo a S. Ex. para extensas e proveitosas paginas em toda a sorte de ensino.

Uma das cousas que attrahe bastante gente é o estaleiro austriaco, composto de troncos de varias madeiras, os quaes forão serrados para melhor conducção, e depois unidos como se achão. Quem competiria com o Brasil, se elle não tivesse suas fragatas na guerra? O que o Canadá apresentou, é muito para todos, e nada para nós, porque nossas florestas são as mais ricas e as mais gigantescas da terra.

De todas as construcções de madeira, da familia do chalet suiso, são notaveis as que mandára a Russia, não só para dar idéa da izba dos campos, como para mostrar-nos a fôrma de outras mais complicadas, como sejam as estações postaes. A grande estribaria, em que estão os formosos cavallos da Ukra-

nia, é um mimo de construcção externa e interna! São graciosas as suas empenas equinas, rematadas com cabeças de cavallos, assim como toda a harmonia no ajuste e entalhe das madeiras que forrão e cobrem o edificio. Sem a cultura do desenho não se chega a tanto. O mal da familia portugueza nos dous mundos, o que a desnobilita em suas construcções, é a ausencia do desenho; do desenho que aspira ao bello e forma o gosto. As leis geraes e municipaes do Brasil não tem a palavra architecto! e em quanto a não tiverem, todas as nossas construcções civis e domesticas não passarão de aspirações, e de massas informes e dispendiosas. Em quanto o desenho não fizer parte essencial dos estudos da Escola central; em quanto elle fôr alli desprezado, como tem sido pelos theoristas, o Brasil não terá bons engenheiros. Na Inglaterra, França, Belgica, Prussia e Austria, nenhum proprietario póde construir ou fazer o menor reparo em sua casa, sem a assistencia e direcção de um architecto, reconhecido pela municipalidade. Os andaimes são alugados pela municipalidade de Vienna, e são o que ha de mais seguro e perfeito. Paris ainda não chegou a tanta perfeição nesta parte da arte de edificar.

Guardemos estas considerações para adiante, e vamos entrar no quarteirão oriental, no mais rico de edificios e no mais risonho, que é o que fica á direita da porta de Iena.

Passemos pelo anexo dos Estados-Unidos, por esse riquissimo deposito de maquinas de toda a especie, e de vehiculos de todos os modos e commodos. Entremos na cidade dos templos e das maravilhas orientaes!

Felizes Parisienses, que veem nas margens do seu rio o que os habitantes de tantas cidades da Europa e da America só gozão a troco de despezas, incommodos e perigos. Aqui está um okel do Egypto, que reune em si a hospedaria do viajante e uma parte do bazar. Construcção original, assellada com todos os caracteres de uma civilisação propria. No seu plano inferior estão artifices a revestirem de fios de seda e ouro canudos para cachimbos; ourives de filagrana a tecerem anneis, pulseiras, zarfs de prata, ou pés de taças; esteireiros, que em tudo nos recordão os de Lisboa; bordadores como não ha me-

lhores no mundo; e até um barbeiro! Todos estes pacificos operarios, vestidos e sentados á maneira do seu paiz, trabalham em silencio, descuidosos do borborinho e do vaivem da turba que os rodeia e interroga muitas vezes. N'uma sala particular do okel está uma collecção de craneos e de mumias, muito interessante para os ethnographos; e n'outra um café particular, em que o intendente Abdallah - Sadyk offerece aos commissarios e convidados cachimbos e café com a mais graciosa urbanidade que se póde conceber. Não provei do tchibuk e do marlhich, pelo mesmo motivo por que não fumei opio. Basta de sonhar.

Estamos no antigo Egypto! Uma porta atticurga, sem pilones lateraes, nos abre a magestosa perspectiva de dous renques de esphinges, que findão á entrada de um templo amphiprostylo, todo ornado de pinturas e entalhes symbolicos e historicos, que nos transportão aos tempos dos Pharaós. Cá estão na cornija e nos capiteis o disco alado do sol, e as mascararas de Isis, e essa variedade de paineis em que a par dos mysterios da morte se veem os trabalhos da vida, as georgicas egypcias, e o homem no templo, na guerra, e no Nilo fecundador. Todo o Egypto se quiz resumir neste artefacto admiravel, cujo interior representa o estylo mais antigo. Em perfeitos pedestaes e vidraças sobre credencias está uma das mais bellas e ricas collecções de antiguidades, composta de estatuas, vasos, instrumentos, insignias, amuletos e adornos! Nos museos de Turim, de Paris, de Londres e de Berlim, não se encontrão tantas riquezas e preciosidades! Se o governo do Egypto as não tivesse, que tem á mão todas essas necropoles e ruinas colossaes, quem as poderia ter?

Que progressos vai fazendo o mundo pelas idéas, pelas sciencias, pelas artes, e pela industria! A promettida alliança dos povos está em andamento, e se ha de consummar. O Campo de Marte é o quarto ponto de reunião destas grandes peregrinações dos povos, e o congresso de todos os productos de sua industria civilisadora; congresso pacifico, que sem extorquir ao fraco, augmenta-lhe o estadio de suas riquezas e a orbita de suas luzes. Como são admiraveis os meios que

Deos inspira aos homens para caminharem á perfectibilidade!

Os Cabos das Tormentas e de Horn, terror de todos os navegantes, e gloria dos Portuguezes, vão como que desaparecer neste seculo pela estrada de Colon a Panamá, e pelo córte do isthmo de Suez. Mais longe ainda levo os meus desejos, porque se os canaes não bastarem, a mão do homem é hoje tão poderosa que poderá em breve transportar de um mar a outro, por cima de vias ferreas, seus navios carregados, e offerecer por cima do deserto ou por entre os valles das montanhas o espectaculo que mais de uma vez já tem apresentado em seus grandes estaleiros com applauso da multidão.

Entremos neste outro templo egypcio, em cuja frente se lê : *Isthmo de Suez.*

Ha dentro uma escola hydraulica. Planos em relevo do terreno, maquinas de excavação, plano e córte do canal, tudo allí está resumido perfeitamente; e para dar uma idéa mais perfeita de todos aquelles gigantescos trabalhos em uma terra ingrata, a Empreza do canal juntou a todos estesapparelhos, tão engenhosos e praticos, um panorama, pintado á tempera, que por sua illusão como que nos transporta áquella terra biblica, e nos faz ver esses venerandos lugares, cheios de tantas recordações. A tentativa dos Pharaós, e o sonho de Veneza, quando Vasco da Gama mostrou o caminho do Oriente aos homens, e encravou a roda da fortuna daquella memoravel republica, está hoje realisada pela França!

A terra está ficando pequena, e mais pequena ainda ficará quando se realisar o sonho de um Brasileiro; quando a familia dos Voadores percorrer nos ares, devassar todas as regiões ingratas, todos os mares, e semelhante ás aves, pousar na terra, e proseguir no ether suas derrotas! Esse tempo ha de vir, porque Deos não abandona a humanidade, e a palavra divina se ha de cumprir.

A Salamlik é uma formosa casa, feita pela Commissão egypcia, para S. A. o Vice-rei descansar e ali receber os cumprimentos de seus subditos e de todos os que o queirão obsequiar; e para que S. A. ahi se achasse como em casa, ordenou-se ao architecto que fizesse a sala principal seme-

lhante em tudo á em que nascêra S. A., e para isto vierão tapetes e moveis do Egypto. O luxo oriental se ostenta alli com toda a sua pompa e originalidade.

Para contrastar com esta architectura tão graciosa e tão rica de ornatos, está perto della a casa chinesa, com seu armazem de chá, suas salas e terraços para tomal-o á maneira do Celeste Imperio, e com um theatro no jardim, onde alguns funambulos, pelotiqueiros e equilibristas entretem o publico nas noites serenas, pois que a tenda que cobre a platéa só impede o sereno e nada mais. Este estabelecimento é puramente especulativo, porque se paga a entrada, o consumo e o divertimento separadamente. Não deixa de ser curioso no aspecto, nos ornatos que tem, e na presença de duas jovens chinas, occupadas em pesar o chá. A mãi dá seus ares de tangareira.

Caminhando sempre para o rio Sena, se encontra o famoso palacio de Tunis, obra de Mr. Chapon, nosso architecto. É uma obra imponente no exterior e no interior! Escada larga, guardada por escalões em que repousão leões; entrada sumptuosa; pateo com arcada e fonte; e salas orladas de divans, de escabelos para refrescos e cachimbos, com cupolas e tectos de maravilhoso lavor! É nestas construcções, filhas da famosa Alhambra, que se vê o quanto dellas procurou imitar a architectura ogival nos fins da idade média, e o quanto forão mestres na arte de construir e ornamentar os vassallos dos Almanzores. Os homens que inventarão os numeros modernos e a algebra, forão tambem os inventores de semelhante architectura, que tendo suas raizes no Indostão, tornou-se tão independente dos pagodes, quanto a arte ogival, chamada gothica, se afastou da mesquita e da ordenação e fórmulas arabicas. Ha nesta arte o cunho de uma civilisação.

Por baixo deste palacio está um café, e por fóra muitos repartiamentos de quitandeiros, que vendem tamaras, perfumes e doces, que ainda são os mesmos que se fazem na Hespanha, Portugal e Brasil, para prova de que muito alli ficou dos Arabes, e do que herdámos de nossos avós. O café está

no rez do palacio, e consta de mesas e bancos á européa; mas o que lhe dá um caracter verdadeiramente mourisco são os musicos arabes que o animão, sentados em um estrado alto, tangendo seus instrumentos, e cantando aos rufos de um tamborim de barro, cujo som não é desagradavel. O que o baixo faz na musica européa, faz o tamborim na tunisiense. Lembra-me de ter ouvido em Portugal alguns gallegos e saloios cantarem naquelle genero e gosto, o que não faz um grande elogio á musica arabiafricana.

Contigua ao café estava uma daquellas grandes tendas, tão pittorescas e caracteristicas, que tanto enfeitão os paineis de Horacio Vernet. O café é cozido, posto em taças de porcellana, da fórma de um meio ovo, assentadas sobre o zarf ou pé, de que fallámos quando passámos pelo okel, com a differença de que aqui não são de filagrana de prata, mas de cobre prateado.

O Sr. Dr. Coutinho achou grande semelhança entre a musica tunisiense e a dos nossos selvagens do Amazonas! Quer isto dizer que os povos primitivos cantão e tocão igualmente.

Não podia faltar a todas estas recordações orientaes e antigas do velho mundo um monumento americano, que a par das civilisações que já passárão, tambem nos mostrasse a do mundo antecolombiano. Para os que conhecem alguma cousa da historia e archeologia do antigo Mexico, o templo de Xochicalco cheira a sangue humano. Aquella famosa serpente, composta de outras serpes, que rodeava o muro externo do theocali de Tenoxtillan; aquella escada abrupta, aquella terraço, sobre que assentavão os sanctuarios, e aquellas significativas caveiras, orlando as cornijas da pyramide truncada, base do templo, cá estão para recordar esse culto sanguinario, que não pôde extinguir o Propheta de Tollan, o Moysés do Anhuac, que achou a morte no cimo do Orizaba, como o grande legislador no do Oreb.

As tres portas do sanctuario estão fechadas com reposteiros de pennas, obra grosseira, bem longe da que fazião os antigos Amantecas, e que tanta admiração causára aos reis de Hespanha!

No muséu do Rio de Janeiro ha umas copias em cera de alguns monumentos mexicanos, entre as quaes se acha uma do grande Zodiaco Azteca, aqui copiado ao natural, assim como a pedra dos sacrificios.

No interior do templo collocarão alguns desenhos e copias de manuscritos ; e para se encher o espaço, outras cousas importantes, mas alheias ao Mexico antigo. Este artefacto é uma obra de especulação, que me parece de infelizes esperanças, como outras muitas que se achão encravadas no parque e ao redor do palacio da Exposição.

Vizinho a este templo de sangrentas recordações estão dous annexos, que recordão o quanto estamos ainda longe desses tempos felizes, em que os apparatus de guerra se mostrarão nos muséus como hoje estão os instrumentos do fanatismo religioso. Quem sabe se o fim da guerra dependerá da perfeição das armas, e do terror que incutirão ás nações todas essas maquinas homicidas, que de dia em dia se tornão mais temiveis e exterminadoras? Deos é que sabe.

O zelo dos protestantes me faz crer que o seu culto está ameaçado. Aqui está, no meio de toda esta concurrencia industrial, um templo protestante; e junto d'elle um pavilhão da Sociedade Biblica, que distribue Evangelhos por todos os passantes !

Non raggionar di lor', ma guarda e passa.

Tomando-se a direcção do grande edificio do Circulo internacional, está a sala das conferencias, em que a horas determinadas se fazem discursos sobre os ultimos progressos das sciencias. Tambem é uma instituição de lucro, e não creio nos grandes ganhos della.

O Circulo internacional, fundado para ter uma bolsa no primeiro plano e uma casa de pasto no segundo, não chegou a seus fins. A orchestra de Bilse e Strauss substituiu os correctores, e a casa de pasto continuou a funcionar, não concorrida como se esperava, porque seus preços forão elevados a uma altura exorbitante.

Estamos outra vez na porta de Iena, por baixo da teia imperial, e no meio de dous chafarizes colossaes, tão bellos e tão abundantes d'agua que faz gosto vel-os.

Chama-nos um órgão ao quarteirão francez. Estamos na capella gothica, no mais rico deposito de imagens e objectos sagrados! Tudo aqui respira a arte inspirada, tudo é perfeito, rico e variado.

A emoção é profunda! A voz do órgão se parece com a de um povo, fazendo subir seus votos a Deos nas azas de uma celeste melodia : o instrumento tem vozes novas, e uma tal perfeição de maquinismo, que o canto sempre se destaca do acompanhamento, como em uma *capella* bem dirigida ; e as escalas se sentem ligar-se e destacar-se á vontade do organista.

O templo tem tres naves e uma absyde; as naves e a absyde são divididas em capellas, e cada capella contém um altar de estylo e materia diversa. Ha dous de bronze dourado e gemmas fingidas, que são admiraveis : pertencem áquelle gosto do tempo de Carlos Magno, que é o da modificação da architectura lombarda pelos arabescos em sua ornamentação.

Muitos outros altares no estylo ogival e no da renascença, com banquetas, imagens e paineis, se veem, assim como tocheiras e ciriaes de um grande lavor e gosto; mas o que mais toca a vista e o coração é o perfeito trabalho em cera de dous martyres: uma Virgem e um Bispo! A bemaventurança respira naquelles dous semblantes, tão bellos e tão naturaes que parecem estar exhalando o ultimo suspiro com Deos no coração e nos labios. Obras estupendas, obras inspiradas, porque infundem o desejo de acabar na graça do Senhor! A Virgem, a Virgem sobretudo! Que angelico morrer! Está vendo o céu!

Tanto era bella no seu rosto a morte!

Passemos por esses pharóes, e entremos um pouco nesse pavilhão semiarabe, onde está a photosculptura e sua

admiravel exposição de medalhas, bustos e estatuas! Penso que para ser photosculptor é preciso antes de tudo ser habi-lissimo esculptor. O processo, segundo ouvi dizer, começa por se photographar o individuo nos oito pontos de vista que requer a estatuaria, e copial-os, principiando pelos perfis, até completar as fórmãs. O resultado é perfeito.

As attentões do publico em todo este quarteirão, tão rico de annexos, de edificios, de objectos ceramicos, de fontes, e de uma que recorda a de Frevi, em Roma, não estão n'isto tudo, mas sim no pavilhão imperial, que se acha á esquerda e fóra da teia, que é uma obra riquissima, de estylo mixto, e feita com toda a perfeição! A policia alli está constantemente para dar ordem á entrada e sahida da multidão que rodeia aquelle luxuoso artefacto, composto de tres salas redondas, abertas, envidraçadas, e indicando seu fim, o do repouso passageiro. Todo o luxo oriental, que se vê nos palacios arabe de que fallámos, é nada ao pé do que se encontra no interior deste pavilhão! O architecto quiz mostrar até que ponto o fundidor, o entalhador, o esculptor e o tapeceiro tem chegado na arte de ornamentar e mobiliar! Aqui não se trata de rigorosos principios, nem de esthetica: todas as artes alli se achão como todos os instrumentos na orchestra de Strauss, produzindo harmonias admiraveis, que só desencantão aos que tem um molde e uma toesa para o pensamento, e que fallão de progresso com o circulo da immobilidade em mão, como se o pensamento humano tivesse attingido a todas as perfeições. Se assim fosse, onde terião ficado as sciencias e a industria?

Longe iria aquelle que intentasse descrever esta encyclo-pedia animada, este labyrintho de milhares de artefactos, collocados aqui e alli, como em uma bella desordem, para que se passe de uma surpresa á outra. O que parece real é que houve em mente acabrunhar o espectador pela quantidade e variedade de objectos, que não bastaria um anno ou mais para estudal-os uma capacidade universal.

Muitas emprezas, coloridas por uma avidez illustrada, para encobrir seus fins, fallarão completamente, como fos-

sem a do theatro internacional, dos concertos, e outras. Em Paris, quando se diz ao homem : canta e dança, não se lhe põe mordança e grilhões aos pés. Póde desafinar ou cahir, póde ser pateado ou applaudido; porque de sua derrota ou triumpho não resulta outro damno que o pessoal, tão grande é o theatro em que se atira o audaz.

A promptidão com que se fez o parque, composto de tantos e variados edificios, mostra os recursos da capital da França, a abundancia e variedade de artistas, artifices e artezões.

O povo, o propheta de todas as idades e nações, não cessa de repetir que esta é a ultima exposição. Será talvez em França, mas não na Europa, pois que a Austria já annunciou a sua para o anno de 1870.

Se a prophecia é puramente local, a humanidade deve entristecer-se, porque a França é necessaria ao mundo; e se é isto uma fórmula de gabo, na persuasão em que estão alguns de que não é possível ultrapassar-se o que está feito no Campo de Marte, cremos que é engano : a propria França se desenganará. Seja uma ou outra cousa, o vaticinio é prematuro : o engenho humano ainda está longe do seu ultimo verbo; e a França mesmo ainda não tocou o termo de sua gloriosa predestinação.

É verdade que um certo espirito mercantil, o de fabricar muito e depressa, está invadindo o campo das bellas-artes, e invalidando o escopo de sua alta missão; mas tambem é verdade que contra esta desordem existe ainda uma minoria que aspira a reagir. O que é certo é que a parte technica, a industrial, ainda se mantem n'uma agradavel altura, e que a theorica, a creadora, vai-se resentindo bastante do materialismo esteril, que invade tudo, e que em breve dará tristes novas de si, como é costume.

Os symptomas de decadencia, que se manifestão nas bellas-artes, provêm da febre mercenaria de que ora se acha possuida a França, e de sua influencia sobre todas as producções do espirito. Só os theatros imperiaes, os subvencionados, é que se não rebaixarão a vender seus

pannos talares ao commercio, para servirem de annuncios de toda a especie.

A imprensa, a grande imprensa da França, não está vendida totalmente, e nem estampa esses romances scepticos e immoraes, que tão tristes fructos vão dando nos espiritos apoucados ou dispostos ao mal; ainda ha nobres caracteres, ainda ha uma parte sã que salva a sociedade; e honra seja feita á vigilancia e boa vontade do governo e de alguns caracteres independentes. Se não houvesse estes santos reactores, a phalange depravada, á sombra das bandeiras da moda e do tom, teria levado de vencida a sociedade, porque a moda e o tom são o Koran da maioria e a Biblia dos futeis e vaidosos.

O que é innegavel é que ha falta de engenhos e uma aberração vertiginosa para o triumpho do materialismo. A industria se alcunha de arte, e a arte desce á industria. Acabada a pleiade de homens do tempo de Luiz-Philippe, haverá uma triste intermittencia litteraria e artistica, porque o fogo sagrado passou para o balcão.

A poesia está morta, e com ella a tragedia, a pintura historica, a esculptura, a musica e a bella architectura.

Não ha falta de artefactos, ha falta de idéas, de sentimentos e aspirações sublimes, de uma arte missionaria, com almejos ao bello.

A architectura está em sensível decadencia depois da morte de Visconti e Hittorf. Se estes grandes artistas deixarão substitutos, não os procurão : os Srs. Duban e Garnier estão longe destes dous mestres. A Academia das bellas-artes foi planejada e começada por F. Debret, e pouco ahi fez o Sr. Duban; mas a nova sala de exposição, que está no cões d'Orsay, essa não, é obra sua.

Mr. Duban dizia ha trinta annos : *Nous cherchons*, assim como ha dez annos alguem no Brasil tambem procurava uma architectura brasileira, como se isto fosse obra da vida de um homem e de sua vontade!

A nova sala da Academia é uma prova de que os apostolos do romantismo architectonico tinham mais vontade do que

engenho, mais ousadia do que senso, e mais sciencia do que consciencia.

Assim vemos a Nova Opera, edificio immenso, carregado de um acervo de ricos detalhes, mas sem ponto de vista, e semelhando mais a um templo com capellas e absyde do que a um theatro! Tudo o que dependeu do ouro lá está com profusão; mas o que depende do engenho, não. Quão longe está esta vasta fabrica das que elevára Schinkel em Berlim, Semper em Dresda, e Langhans em Leipzig! O mesmo diremos do novo Theatro Imperial de Vienna, obra ainda maior e mais assealhada pelo delirio do architecto e do governo. Aquelle colossal *pasticcio* de architectura lombarda e da renascença será uma obra rica, mas nunca boa.

Ha hoje duas escolas de architectura, a de Berlim e a de Munich; escolas graves, sobrias, onde se sabe o que é estylo, onde reinão doutrinas sãs e um apuro de esthetica demonstrado n'uma infinidade de palacios, de templos e outros edificios publicos. A architectura, em França, está como a sua actual litteratura. As novas igrejas da Trindade e de Santo-Agostinho são um mistiforio da arte byzantina, ogival, lombarda e renascença; perfeitas na parte technica, imponentes pelas dimensões e altura de seus zimbórios, mas deixando muito a desejar pela parte creadora.

O palacio da Exposição, apezar dos esforços de um grande orador, não satisfez o publico e os architectos. A construcção mais bella que se tem feito neste genero, e que nunca será excedida, é a do Palacio de Crystal de Londres! Os Francezes, que tem mãos habilissimas para tudo, não tem a aptidão e o gosto dos Inglezes para as obras de ferro. As novas bibliothecas de Londres e de Paris justificão isto, assim como o palacio da Exposição, que não offerece um ponto de vista grandioso ou agradavel, apezar dos esforços decorativos da galeria grande, e do pateo e jardim central, cujo ambulatorio, além de pesado, é feio: não parece obra franceza.

Se estivessemos no Brasil, aconselhariamos á Academia das bellas-artes de preferir á escola actual de Paris as de Berlim e Munich; de mandar seus pintores para Dusseldorf ou Munich,

e seus esculptores para a Italia ou para Berlim. Estão vivos os exemplos e as tradições de Schinkel, Semper, Garthner e Klenze, assim como as profundas lições de Cornelius, de Bendemann, de Schnorr e do admiravel Kaulbach.

Já não ha em Paris aquelles mestres conscienciosos de ha trinta annos : hoje todos tem secretarios, e vão uma ou duas vezes por mez ver seus alumnos, como os grandes medicos que tem seus ajudantes.

Mr. Fétis, o grande maestro belga, disse com toda a razão que a falta de artistas provinha da abundancia de mercadores de solfejo.

A arte da velha monarchia franceza foi a arte italiana, menos nos tempos em que a maçonaria não era symbolica e sim uma vasta corporação de mestres, companheiros e aprendizes, que estudavão a arte de construir e guardavão o segredo de seus planos.

Se o Francez não é o maior inventor, possui pelo menos o admiravel talento de aperfeiçoar, espalhar e fazer valer tudo o que é sua feitura.

O barroquismo, iniciado por Miguel-Angelo e aperfeiçoado por Borromini, seguiu em França o mais brilhante e gracioso desenvolvimento até a época em que Winkelmann, Mengs, Fontana e Piranesi o forão modificando por doutrinas e exemplos, para cahir na imitação dos antigos, e formar uma arte chamada classica, com os canones immutaveis do que copiaava, semelhantes ao dessa litteratura imperial, aos desses mestres como os Delilles, Lebruns e Fontanas, hoje chamados os *classicos da decadencia*. Bernardim de Saint-Pierre, madame de Staël e Chateaubriand erão para elles o que Victor Hugo foi para Mr. Arnaud, o ultimo e o mais tenaz dos sacerdotes de Apollo no palacio Mazarino.

Não ha imitação classica; ha copia ou recunho de idéas em outra lingua. A reacção allemã foi mais reflectida, porque remontou aos typos classicos, e substituiu o criterio pelo fanatismo.

Diz o abbade Lanzi, que nada ha mais perigoso do que uma maxima no ensino, porque se deixa de ser comprehendida

como é, transvia o espirito artistico, como aconteceu á escola classica e á romantica. A primeira, á força de copiar as obras antigas, cahiu no extremo opposto da escola barroca, que bradava : As estatuas antigas não tem movimento! E a segunda, proclamando o bom principio de que a verdade está na natureza, foi deslisando até achar no feio ideal o seu typo de perfeição, pois que se declarou inimiga de David, Girodet, Gérard, Guérin, Meinier, e outros. Todos têm razão no fundo, mas não na applicação de suas doutrinas.

A arte byzantina, que é a da idade media, parece que tem frio, e que seus modelos estavam expostos ao rigor do inverno; a barroca, por suas vestes fluctuantes, expunha seus modelos ao vento, e a chamada classica punha os seus á chuva; e das duas ultimas temos no Brasil exemplos nas imagens dos templos e nos baixo-relevos da Academia. São os reflexos da escola de Machado, o autor da estatua equestre de D. José, em Lisboa, e de Mr. Rolland, mestre de Mr. Ferrez, que perseguia Canova como charlatão, porque o genio de Posano não fazia como elle! parvo imitador da antiguidade.

Uma observação de Rackzinski sobre o que outr'ora se chamava graça, em França, é muito exacta, quando elle extrahе das lindas e variadas composições de Girodet algumas figuras, para provar que os artistas francezes preferem os artificios amaneirados das dansarinas á bella singeleza, á graça natural. Tem razão nos grupos que escolheu, e em alguns outros, mas não no geral da escola. O artista diplomata é algumas vezes absoluto e parcial. Prudhomme, o Corregio francez, sentiu a graça em toda a sua elevação, como o provão suas obras, asselladas pelas mais altas qualidades artisticas que se póde desejar, porque não cheirão a esta ou áquella maneira, mas sim revelão um espirito independente, ornado, e seductor.

Da escola de David, escola reactiva, fertil e sabia, sahirão muitos artistas, e d'entre elles o Barão Gros, que foi pelas qualidades de sua musa, e pelo seu amor aos factos modernos, o que abriu a porta aos romanticos, e soltou das prisões escolasticas os Gericaults, os Déverias, e os Delacroix!

Sempre isolado, sempre fecundo, sempre incansavel, foi o Vernet 3º o homem de todos os generos, o que produziu mais do que Rubens, e que se não foi tão epico como elle, foi mais correcto, e passará á posteridade com grande estima porque foi o maior historiador dos tempos modernos.

Mr. Ingres e Delaroche forão os dous outros modernos : Ingres, satellitê de Raphael, e Delaroche o homem progressista. Da escola de Gros, escola de desenhadores e coloristas, fugiu para a phalange dos romanticos, brilhou nella por um esplendido colorido, por um desenho correcto, e depois de sua viagem á Italia, concentrou-se todo na poesia e na esthetica, e subiu ás maiores alturas da arte contemporanea.

Homem eleito, espirito superior, mostrou que era capaz de lutar com Rubens no colorido, com Veronez nas vastas composições, e com Metz u e outros flamengos no acabado e em todas as perfeições technicas. A sua Isabel, o seu Cromwell, o seu hemicyclo, o seu Galileo, e o seu Moysés, o justificação plenamente.

Já que estamos com pintores, vamos vel-os no interior do palacio da Exposição, e comparar os productos das differentes nações neste grande concurso artistico.

« Praça ao grande Raphael! » dizia o rei da Saxonia no momento em que elle mesmo removia o throno, para collocar em seu lugar o painel da Madona de São Sixto, que acabava de chegar-lhe da Italia. A quem faremos hoje praça no throno da Exposição? A ninguem!

Se a quizessemos dar a um pintor francez, a Baviera reclamaria a justo titulo, e logo a Prussia, e logo a Belgica, e todas com vantagem á Italia, á Hespanha, á Suissa, á Austria, á Inglaterra, e a outras nações.

A França acaba de perder Delaroche, Vernet, Ingres, e o fogoso Delacroix. O Sr. Cabanel, retratista superior a Gerard e mesmo a Gros, não está como pintor historico a par de Haulbach, o epico da escadaria do musêo novo de Berlim, o mais correcto e grandioso compositor de nossos dias, o homem das epopeias!

As escolas de hoje pouco differem entre si, porque os

pintores viajão continua e periodicamente, e a arte com o concurso de tantas exposições, de repetidas confrontações, como que perde sua autonomia, e se conserva em um cosmopolitismo, que pouco denota a individualidade das escolas nos seus caracteres technicos.

A pintura religiosa, em França, revela em sua generalidade o scepticismo social : raros são os paineis impregnados daquelle fluido ascetico, daquelle inspiração, daquelle belleza sobrehumana que se encontrão nas obras de Raphael e Lesueur, que parece terem vindo ao mundo para propagarem o christianismo, e o tornarem amado aos olhos de todas as nações. Pela inspecção de todas as galerias da Exposição, parece-nos ver na Belgica maior numero de crentes, e depois della na Russia.

Os paineis religiosos da França, da Italia, são pinturas, são imagens mais ou menos bem desenhadas, grupadas e coloridas, sem aquelle perfume de santidade e de singeleza, que infunde n'alma o amor de Deos, a caridade, e a modestia ou humildade.

As grandes obras d'arte, as que revelão um espirito superior e imagens sobrehumanas, são como a palavra de Monte Alverne : produzem silencio ! É este silencio o que se nota no homem que percorre o templo da Batalha, em Portugal, ou visita a galeria de Dresda, e pára diante da Madona de S. Sixto ! A serenidade, belleza e divindade da Virgem estão a par da do seu Menino, cujo semblante parece fallar do céo ; e a formosura da Santa é concebida com igual sciencia á do Pontifice, unica cabeça puramente humana daquelle admiravel painel ! daquelle criação divina !!

E porque impera alli um tal silencio, e uma grande immobildade nos espectadores, como se fossem estatuas ? Porque para a fruición do bello, dessa harmonia da verdade eterna intelligente, é necessario o silencio, a introversão dos altos pensamentos, o recondito em que o espirito se clausura para as suas maximas operações.

Raphael teve a presciencia do bello, esse dom divino, negado ás intelligencias vulgares, e só concedido aos espiritos

superiores, por Deos mandados em missão á terra, para elevarem o nivel dos conhecimentos humanos, e darem mais um passo na lei da perfectibilidade.

Os dados experimentaes, colhidos de abstracções, não bastão para produzir um typo sublime, uma noção reveladora de uma harmonia, que contém, segundo Kant, o infinito no finito, sem que esse typo exista anticipadamente no senso creador do artista. D'aqui provém o que se denota nas grandes individualidades, nesses solitarios que de tempos a tempos apparecem, e se tornão modelos da geração que os possui, e das que se seguem.

A famosa Helena de Zeuxis, belleza composta de todas as boas fórmas que o artista abstrahi para compôr o seu todo, não conteria em si o bello, sem que previamente existisse no pintor o typo que elle queria revelar; porque uma belleza creada por canones escolasticos, regulada por fórmulas compassadas, harmonisadas por preceitos anticipados, não pôde ser bella, perfeita; não pôde infundir o sublime e a divindade. Dá em resultado a Venus de Thorwaldsen, em que a physionomia é uma copia, a attitude uma regra, e o todo um canon artistico. A arte é um meio para as revelações do engenho; differe do artificio, que é o meio das revelações do estudo. O cerebro do homem engenhoso é uma vida, e o do erudito uma esponja, que bebe essencias de todas as flôres, e que espremida solta um licor ás vezes desagradavel, se não nocivo.

A belleza formulada por canones escolasticos dá um producto amaneirado, igual ao resultado das estatuas do cenotaphio de Pio VII por Thorwaldsen, e nunca aquillo que se encontra nos do papa Rezzonico e da archiduzesza Maria Christina, por Canova. A antiguidade não produziu cousas melhores, e na nossa opinião iguaes!

O bello não está sómente nas fórmulas juvenis, morbidas ou lascivas, está na realidade sublimada. O Moysés de Buonaroti, que se afasta dos typos graciosos, que pertence á escola opposta, a uma outra natureza, é bello porque contém a revelação de toda a harmonia das forças varonis, e infunde

no espirito uma sensação grande, uma vida sobrenatural, independente da perfeição da materia. Se o bello fosse uma concatenação de fórmulas preceitivas, residiria no poema de Petrarca, ou nas epopeias de todos os rivaes de Camões, traçadas pelo compasso da critica, pelos dogmas das escolas, e por essas regras que prendem as azas do genio n'um molde, que nem o merito possui da originalidade. Antes da critica existia a arte.

Não somos dos que desprezão as boas doutrinas, cavadas no consenso das boas intelligencias, dos homens de gosto, mas somos dos que protestão contra os que querem a immutabilidade das leis, porque cremos na perfectibilidade do espirito humano.

Se ficassemos totalmente em Aristoteles, Longino, e toda a familia dos inflados pedagogos, onde estarião Dante, Ariosto, Shakspeare, Goethe, Schiller, e Victor Hugo? Onde estarião Rembrandt, Martin, Decamps, e o proprio David, com o seu Bruto na sombra, sendo o protagonista do painel?!

Os poucos paineis religiosos que estão na Exposição tem o cunho do espirito da sociedade moderna, mais votada ao velabro do que ao templo. A mesma Exposição o que é senão o jubileo de todas as industrias para alcançar um lucro puramente commercial? Sobre seus entrecolumnios se veem as maximas de Smith, e em seus annuncios e sectores tudo quanto é possivel fazer-se para atrahir o ouro.

Que significão os paineis que mandou Roma? Nada, assim como os que enviou a Italia, a Hespanha e a Allemanha catholica! Se existe a aspiração de elevar o poder temporal ás alturas de um dogma, só teremos um commercio de imagens.

Quando passámos por Portugal, estudámos alguma cousa daquelle paiz, que é antiguidade brasileira, e ficámos sorprendidos de ver um grande vasio em toda a sua arte religiosa, principalmente a partir de D. João III para cá, e em todo o periodo do reinado do Santo Officio, o que nos fez crer que todo aquelle apparatus religioso não foi mais do que a mascara de uma nefanda hypocrisia, traçada pelo despotismo.

Excepto as obras de Vasco, que é o Pausellinos da Lusi-

tania, segue-se uma serie de copistas mais ou menos habeis até Sequeira, que foi um genio, e que se revelou em Roma, depois de um longo exilio.

Assim pois, fóra da Belgica e da França, a pintura sagrada só se manifesta opulentamente no admiravel mosaico russo, desenhado por Neff, e executado por Khmeleoski, professor da officina imperial em São Petersburgo.

A escola de Owerbeck, chamada Altdeutsch na Allemanha, é uma destas tenacidades de um espirito ambicioso, que procura na materia o espirito, como se houvesse na arte da idade media uma pintura orthodoxa, ou uma liturgia composta de typos, só dignos de exprimirem a divindade e os santos. Louvavel aspiração seria, se os santos fossem de uma outra natureza que não a nossa.

A pintura historica, sempre elevada em França desde Luiz XIV até Luiz-Philippe, se não está em decadencia, está em declive. Dos paineis que estão na Exposição, muitos já correm o mundo pela gravura, outros sahirão dos muséos e palacios para ahi figurarem, o que significa que houve um trabalho preparatorio, uma escolha do que se fez depois do encerramento da ultima Exposição internacional nos Campos-Elysios, e que esta escolha é a ultima expressão da escola franceza.

Os paineis de grande maquina, que attrahem mais a vista por suas bellezas artisticas, são *o Paraiso perdido*, do Sr. Cabanel, *o Filho prodigo*, do Sr. Dubufe, e as batalhas do Sr. Yvon.

No *Paraiso perdido* ha uma aspiração michelangesca na figura de Adão e na imagem do Senhor. A composição é clara, o grupo luminoso, o desenho severo e revelador de qualidades supremas; mas a obra está longe da altura biblica. A imagem do Senhor tem um rosto raphaelesco e o corpo herculeo: respira mais severidade do que serenidade; ha nella o homem, e no grupo de anjos que a sustentão alguma cousa de pesado, de material, que não condiz com a idéa. Este painel, encomendado pelo rei da Baviera, terá de soffrer, se alguma obra de Bendemann ou de Kaulbach lhe ficar vizinha.

Como escrevemô livre de toda a pressão de partido ou de nacionalidade, diremos que o painel do Sr. Dubufe tem brilhantes qualidades. Uma composição larga, bem grupada, bem distribuida, bem illuminada, e com formosos laivos da escola veneziana, resahem daquella grande tela, ladeada por duas monocromias pertencendo ao sujeito, transvestido á italiana, e passado entre os atrios e os jardins da renascença, recordando a época dos Medicis, em que Policiano era o astro da Ausonia e Buonaroti a sua immensa luz artistica.

As batalhas do Sr. Yvon tem muita vida, muita luz, mas estão longe das magnificas batalhas de Gros e de Horacio Vernet; são episodios que não exprimem o resultado de uma acção ou a luta presagiadora de dous povos, como os paineis da batalha de Aboukir, de Eylau, ou como a de Fontenoy, e a tomada da Smala, a mais vasta composição que o pincel humano tem produzido! Em Gros se une á perfeição do desenho a perfeição da composição e a suavidade do colorido, com meios technicos, com um modelado sem igual. Tudo alli é grande, e excede o movimento do Sr. Yvon pela vida e expressão dos individuos: os homens do expositor fazem caretas. Passar-se-hão largos annos antes que appareção dous pinceis como os de Gros e Horacio Vernet neste genero.

Duas grandes telas, do Sr. Pils, lá estão para nos mostrar o delirio do talento, porque são duas decorações a toque theatral, cheias de côres espantadas, mas não vasia de merito.

A Italia tambem mandou uma tela marcial do Sr. Gastaldi, onde se encontra um desenho severo, um colorido sobrio e algumas cabeças e escorsos admiraveis! Não é uma batalha de Julio Romano, nem de Appiani, mas é uma obra valente, sem o arranjo epico do primeiro e o concerto escolastico do segundo, talento manietado pelos principios reinantes da escola reactiva dos cortonescos fogosos, mas bem pallida ao pé da energia de Salvador Rosa.

Se a Belgica alli tivesse a luta dos cavalleiros da Espora de ouro com os carniceiros, ganharia a palma no certame, e

poria na frente de Dekaiser uma corôa victoriosa, porque este artista é uma junção feliz de Gros e de Van Dyck.

Nos quadros chamados *de genero*, por terem figuras pequenas, apresentou a França algumas obras primas em meios technicos e poucas nos scientificos. Ha grande poesia no painel do Sr. Brion, representando Jesus e Pedro sobre as aguas; scena crepuscular em que tudo se percebe, e onde a figura de Jesus sobresahe por uma aureola divina, que concentra todas as vistas e a envolve de divindade.

O Sr. Gérôme é um dos pintores que mais se distingue na escola franceza. Ha cinco d'entre os treze paineis que elle apresenta sufficientes para glorificá-lo : *o Duello entre dous mascarados, depois do baile; os Gladiadores no amphitheatro, bradando para a tribuna : Ave, Cæsar, imperator, morituri te salutant; Phryné diante do tribunal*, que lhe perdôa vendo sua formosura e belleza; *Rembrandt gravando uma lamina de cobre; e a Morte de Cesar!* muito superior a outra vasta e longa tela. Quem comparar estes vivos e delicados paineis com as producções do mesmo genero, pela escola davidiana, verá nelles os progressos que a historia e a archeologia tem feito ha meio seculo em França! Quanta erudição nestes paineis, quanto engenho em sua concepção, e que admiravel espirito no seu toque! Na *Morte de Cesar* ha uma verdade de pensamento, uma vida nos fugitivos, e uma luz tão verdadeira, que admira! *Os Gladiadores*, scena pomposa, forão expostos em 1859, e logo gravados, pois que os vi por toda a Allemanha. O *Rembrandt*, além de sua admiravel entoação, de sua luz brilhante, é uma obra de acabado hollandez.

Outro *Christo sobre as ondas*, de Jolabert, tambem é obra prima. Já está gravado, e fulgurou na Exposição artistica de 1863. Pertence á imperatriz Eugenia.

Roberto Fleury ainda é o mesmo grande pintor de ha trinta annos. O seu *Carlos V no mosteiro de São-Justo* tem as mesmas qualidades do seu *Saímento de Ticiano*, e do seu *Galileo* dizendo o celebre : *E pur si muove!*

Mr. J. A. Breton parece que pinta com luz, como outr'ora Hildebrand. A sua *Benção do trigo*, a *Chamada das respiga-*

*deiras* e a *Guarda-periús*, tem grande valor technico; assim como o Sr. Bonnat, que em tudo recorda o meu amigo Decamps, o Rembrandt moderno! A este pintor se iguala o Sr. Barm.

No genero poetico, ideal, vaporoso, ha algumas producções muito salientes. *O Reino das fadas*, por Thierry, o maior scenographo do mundo! *A Aurora*, de J. L. Hamon, em que se vê a filha de Hyperion suspensa sobre uma flôr e bebendo no calice de outra o nectar matinal! Do mesmo genero é o painel em que se vê por sobre as ruinas de Pompeia as Musas pairando melancolicas ao clarão de uma luz misteriosa.

No genero hollandez, pelo acabado, brilhão os Srs. Caraud e Meissonnier, que em vida já alcançou o fanatismo e o preço das melhores obras dos mestres flamengos!

As obras posthumas de Flandrin e de Bellangé recordão os triumphos que obtiverão em vida; e o painel deste ultimo, representando uma revista no Carrousel, no primeiro imperio, é uma obra capital.

Poucos retratistas, mas entre elles primão M<sup>me</sup> H. Brown e o Sr. Cabanel. O retrato pedestre de Napoleão III é um painel maravilhoso pela composição, pelo colorido, pelo desenho e perfeita semelhança: tudo alli é grande, porque tudo revela a arte em toda a sua elevação. Gérard, o grande aulico, nunca fez uma obra superior a esta, e nem o Sr. Garthner modelou uma cabeça mais perfeita e mais physionomica do que esta!

Dos filhos de Potter, lá está Rosa Bonheur, que substituiu a Werbokowen e Brascassati: os seus animaes são perfeitos.

Em geral, e em toda a Europa, se observa que a pintura de paizagem tem feito mais progressos do que a historica: seja pela immobilidade da natureza chamada morta, seja pelo amor das viagens, é factó que ella se mostra superior, menos em França actualmente. M. Daubigny expôz cousas incriveis, indignas de tão universal concurso!

A exposição de pinturas inglezas foi fraca em quadros historicos, em retratos e em paizagens a oleo: brilhou e ultrapassou tudo com as suas magnificas e grandes aquarellas.

A Hollanda pouco apresentou de saliente além de algumas vistas e flôres. As escolas tem épocas de florescimento, de somno e decadencia : a Hollanda vai dormir. A Belgica não.

A presença de Luiz David em Bruxéllas e seu ensino, a independencia daquelle reino e o sabio governo de Leopoldo Iº são motivos para uma regeneração completa. No annexo que está na rua da Europa apresenta a Belgica algumas pinturas salientes, e no genero religioso imagens cheias de unção.

A *Virgem no Calvario*, do Sr. Alexandre Thomaz, é uma pagina viva e tocante, que reúne as mais brilhantes qualidades do relevo e do colorido; ella nos faz lembrar aquelle famoso *Ecce homo* de Cigoli, que adornava o palacio Pitti em Florença. Não se attinge a este gráo de perfeição e de santidade sem verdadeira crença. O outro painel do Sr. Verlat, que representa Christo morto ao pé da cruz, seria perfeito se a attitude da Virgem não fosse tão vulgar. A resignação dos espiritos celestes tem outra expressão.

Brilhão os Belgas na paizagem e nos paineis de genero. Willems, Pawels, Markelbach, Debiefve, Campotosto, brilhárão nos seus paineis da *Viuva*, da *Vocação de Santa Clara*, da *Viuva de Carlos Iº no convento de Chaillot*, da *Condessa de Egmont depois da prisão de seu marido*, e do *Recanto feliz!* Telas de salão, toque fino, detalhes preciosos, um todo harmonioso e expressivo.

Os retratos de Gronckel, as paizagens de Roffiaen, as vistas e interiores de Van Moer e Bossuet, tem tanto merecimento como as flôres e fructos de Robie.

O Sr. Barão Leis tem mais ares de Quintino Metius e de Van Eyck, do que de um pintor moderno! Na Allemanha se encontram muitos destes maniacos, que tomão Holbein pela natureza, e tanto se entregão ao estylo do velho mestre, que acabão por fazer cousas sem as virtudes de seu modelo. Naturezas anachronicas, como a de certos litteratos que só leem um autor, e pensão escrever maravilhas no serzido que fazem de suas phrases e pensamentos. Estes é que são os classicos da decadencia.

O governo da Prussia não se empenhou como podia para

brilhar na Exposição, talvez já com a idéa de dar em Vienna uma batalha industrial no anno de 1870. Se o governo quizesse, podia mandar mais obras. Debaixo do nome colectivo de Prussia e Estados do Norte, alli estão misturados os paineis da Saxonia com os seus. A guerra com a Austria occupou muitas mãos que maneão o pincel, o escopro e o buril, com a espada e a espingarda de agulha, porque na Prussia o soldado está acima de tudo. O maior de todos os seus paineis é o da disputa entre Luther e o Dr. Eck, feito pelo professor Hübner, discipulo de Cornelius.

Vi nascer esta sabia composição, onde não ha uma figura ociosa, um detalhe sem significação; vi-a passar do estado de cartão a esboço, e assim perder sua vitalidade primitiva á força de retoques, e de uma technica que não é das mais felizes, pois ficou obra cansada. Abstrahindo da pintura, tem esta admiravel composição todas as qualidades supremas da arte allemã dos nossos dias, que é uma profundidade de pensamento, uma pagina completa de historia. Parece-me que o illustre professor, com o desejo de ultrapassar-se nesta obra, excedeu os limites de sua espontaneidade, das suas forças naturaes, e cahiu naquelle excesso em que Girodet cahiu, quando fez dizer a seu mestre David : Se fizesse menos, ganhavas mais. No seu *Christo e a Magdalena* ha um outro pintor, o pintor espontaneo, o colorista, e o mestre. Que admiravel cabeça de Christo, que carnes, que modelado, e que sciencia ! Nada perde este painel ao pé do pintado pelo Sr. Koeting, de Dusseldorf, que é um modelo de claro-escuro, de relevo, e de composição : os reflexos produzidos pelo sudario de Christo são de um estudo e de uma verdade que espantão.

Como expressão physionomica e technica soberba, é o quintuplo painel, representando os *Cinco sentidos*, feito pelo Sr. Schlesinger. O autor, para mais accentuar as differentes sensações, escolheu a natureza meridional, mais mobil, mais expansiva, e assim representou cinco lindas Hespanholas a ver, ouvir, cheirar, apalpar e gostar. Este painel era o alvo continuo de centenaes de espectadores. Gracioso invento com execução perfeita ! Pertence a Napoleão III.

Entre os paineis de genero , brilhavão as telas dos Srs. Carlos Becker e Knaus! O Palma do Norte, o colorista admiravel alli se achava representado pelo seu *Senador veneziano* comprando joias, e pelos seus *Mascarados* atravessando o portico do palacio dogal. O Sr. Knaus lá tinha o seu *Saltimbunco*, no meio de vinte caras aparvalhadas, fazendo sahir de dentro do chapéo de um camponio alguns passarinhos. Tudo falla naquella scena, que une á harmonia das côres todas as gradações da luz, e um perfeito desenho. O seu *Invalido*, sentado, só, é uma das telas mais iconicas deste seculo !

A paizagem está bem representada pelo Sr. Pape, na sua vista do Rheno, e pelo Sr. Eschke com a sua vista do Jordão. Muitas outras cousas, mais ou menos bellas, mandou a Confederação do Norte, e entre ellas dous quadros do Sr. Graeb, o maior pintor de interiores e vistas architectonicas do mundo, porque as suas obras não parecem pinturas, mas reflexos da camara-obscura !

O interior da igreja de Santo André, em Eisleben, onde está o mausoleo dos condes de Mansfeld, é uma obra que faz esquecer as maravilhas de Bouton, de Granet, os dous colossos dos tempos modernos !

Os Ducados de Hesse e de Baden tambem expozerão. Os *Montanhezes norueguenses* do Sr. Gude tem muita luz e jucundidade; assim como os carvalhos do Sr. Vollweider. O Sr. Schick não tem chique, porque é uma caricatura do Ticiano. O reino de Wurtemberg apenas mandou onze paineis, e não as melhores obras de seus artistas. Toda a Allemanha, excepto a Baviera, levou tempo a pensar feridas, e grandes forão ellas !...

O que póde a vontade illustrada de um governo, o demonstra a Baviera, que tem na pequena cidade de Munich o templo das Bellas-Artes !

Ha dias vimos todos passear por estas galerias o Rei Luiz, o promotor de tanta opulencia. Na nova Pinacotheca está elle pintado no meio de um grande côro de artistas, que lhe entoão um hymno de gratidão e de gloria.

Os paineis bavaros se parecem com um curso de littera-

tura, em que se estadeão os melhores pedaços de eloquencia e poesia. Que preciosa galeria !

O veneravel Bispo de Crysopolis, esmoler-mór de Sua Magestade o Imperador, e profundo mathematico, disse-me no pάλacio de São Christovão, depois de se terem collocado alguns paineis n'uma galeria, o seguinte : « Já achei a utilidade destes quadros ! Servem de companhia e de instrucção. Aqui passo algumas horas a conversar com estas cabeças, a ver estas figuras e sitios ; e hontem entrei nesta igreja, que se parece com algumas de Portugal. » Era um magnifico Petter Neff !

O Jury internacional não foi injusto para com a Baviera, hoje a rival de Paris, se não superior em algumas cousas. Munich ascende, e Paris caminha. As portas de bronze que a Baviera fundiu para o Capitolio de Washington, e que competem com as de Ghiberti, no baptisterio de Florença, são as portas de sua gloria artistica !

Luiz I<sup>o</sup> abriu os olhos para a sua grande gloria, quando, ainda joven, passou por Berlim, e viu a estatua do Eleitor-rei, sobre o Oder, e a porta de Brandeburgo, coroada de sua quadriga de bronze. Frederico, superior a Maria Thereza, já tinha plantado em Berlim e Potsdam os marcos gloriosos das artes e das letras, aberto o exemplo, e despertado o gosto, que em Frederico Guilherme IV se corporificou na Athenas do norte, e produziu as maravilhas que surgirão do compasso de Schinkel, Klenze e Hitzig, e do esboçador de Schadow e Rauch ! Lá iremos, mas antes fallemos de paineis.

As escolas de pintura forão a principio designadas pelas localidades, e depois pelos seus caracteres puramente technicos. Hoje com o cosmopolitismo do vapor pedem uma outra classificação. Não ha mais segredos d'arte ; nenhum pintor prepara seus paineis e suas tintas ; as fabricas e o commercio fornecem tudo ; Roma já importa pinceis de Paris, tintas de Dresda e Munich, e telas de Londres. Os modelos viajam, e a photographia transporta para todos os centros artisticos os differentes caracteres architectonicos, e as physionomias e trajos de todos os povos.

As modificações operadas no espirito e nas obras de Julio Romano, servil imitador de Raphael, logo que este morreu, são as mesmas que se operão em todos os artistas, que são individualidades, quando passam da atmospherã escolastica, do clima em que estudão, para a liberdade do gabinete, e para uma outra natureza e outros usos. O espirito se modela e se afaz segundo o clima social que respira e os artefactos que o circundão, e muitas vezes perde quando um prolongado exilio o força á esterilidade, ou a mudar de vocação.

Roma, pelos severos modelos da antiguidade, pelos primores de seus grandes mestres, e pela grandeza e magnificencia de seus templos, nos leva á nobreza do desenho, á opulencia da composição, e a todas as aspirações classicas, em quanto que Veneza, pelos seus numerosos exemplos, nos faz pender para o colorido mais que para o desenho. Não provirá isto das idéas e do character das duas cidades? Roma, a cidade dos Papas, dos psalmos, do espiritualismo, das idéas severas, e Veneza, a cidade dos Doges, da industria, do commercio, das barcarolas e do amor?

Os pintores hollandezes parece que respondem a isto, como os da antiga Flandres. Olhai para a escola franceza, encarai-a através de todas as peripecias de sua história, de todas as idéas predominantes, e vereis que seus pintores as acompanhão perfeitamente, divididos segundo as classes sociaes. Lebrun, Poussin e Lesueur vão com Bossuet, Fénelon, Racine e outros; e os fabricantes de idyllos, das Venus e dos amores com o espirito dos reaes namorados e com o da Regencia. A Republica, toda grega e romana, deu estatuas coloridas; o Imperio, batalhas e scenas da época do cesarismo; a Restauração, um regresso á idade media e ao culto; a Monarchia de Julho, um termo medio e uma reacção contra o passado, que foi o romantismo; e a época actual, mais commercial do que tudo, uma grande producção sem character positivo. A litteratura ahi está, que é o espirito das artes.

Ha uma grande differença entre a arte florentina da época de seus poetas e prosadores, e a de Veneza nos

tempos de Manuccio. Florença compunha, Veneza estampava. A Toscana renasceu, creou artistas, e Veneza os importou antes de tudo.

Cornelius, o chefe da moderna escola allemã, dizia que desprezava todos os meios que retardavam a criação artistica. Elle só fez cartões, e Thorwaldsen modelos. Os meios technicos de Cornelius são desgraçados, e as estatuas de Thorwaldsen são frias, sem vida, porque nunca soube manejar o cinzel. O que falta nas pinturas do portico do museo de Berlim, compostas por Schinkel e executadas por Cornelius, é o que falta nas estatuas e baixo-relevos de Thorwaldsen : vida! Ambos grandes pensadores, mas ambos se entregarão a mãos que não erão guiadas pelos seus espiritos na execução, e por conseguinte timidas, frias como um reflexo, ou refractadas pela transição. O talento principal de Cornelius está nos typos que creou nos Niebelugens, no Fausto e na mythologia scandinavia. Todas as nações os aceitarão. Vimos os famosos cartões que estava compondo para o Campo-Santo de Berlim, assim como vimos em Roma o do Juizo universal, que se pintou na igreja de São Luiz em Munich. O poeta e o philosopho empunhãrão o carvão, e o compositor, adestrado em todos os arranjos do agrupamento, lá estão nestas duas epopéas plasticas com um poderio e uma força que parece uma fusão de Buonaroti e Raphael, sem a gigantesta sciencia do primeiro e a belleza incomparavel do segundo. São obras da razão, não do sentimento, e no emtanto extasião e prendem por muitas horas aos que sabem contemplal-as.

Em Dusseldorf plantou Cornelius uma escola, que foi illustrada por Schadow, continuada por Bendemann, autor dos admiraveis frescos do palacio real de Dresda.

Chamado pelo rei Luiz, foi Cornelius para Munich, e ahi fundou a escola que faz hoje a admiração do mundo e o brilho da Exposição internacional.

Ninguem pense no Brasil que Cornelius se foi assentar n'uma cadeira e ensinar rapazes a tanto por anno. As academias preparão, mas não fazem artistas. Estes se desenvolvem nos trabalhos publicos e monumentaes, no exercicio e con-

curso de grandes obras, como os soldados na guerra, e não nas paradas, bailes e destacamentos.

A influencia de um apostolo é tanto maior e mais rapida quando é secundada ou auxiliada pelo poder : o que é verdade é que cada paiz representa o que elle é na realidade. Schinkel e Rauch, Klenze, Cornelius e Schwanthaler nada serião se a atmospheria social, creada pelos governos da Prussia e Baviera, os condemnasse á inacção e os deprimisse com o indifferentismo a tudo quanto é bello. Os estadistas mediocres, os economistas incompletos, não veem na compra de modelos artisticos, nem na edificação de bellos edificios, os fructos de seu ensino na perfeição de todas as industrias, e nem a influencia da fôrma no mercado. Todas estas cousas contém aquella borboleta que um monge trouxe á Europa, e que deu seda e riqueza á Italia e á França. O dinheiro que tem dado á Italia as obras de seus artistas é incalculavel! O que colhe do mundo, não digo a industria, mas os monumentos e recreios de Paris, não tem conta. Tenho dito bastante.

Entendami chi puó, che m'entend'io.

A superioridade da industria está na razão do maior ou menor cultivo do desenho. Do estudo da fôrma se passa ao do espirito, como Socrates, Luciano e Galileo. Os grandes povos forão grandes canteiros, e o são presentemente. A posteridade só glorifica os que se identificárão com a humanidade, os que trabalhárão por amor della, e os que exornárão o chão em que ella passa.

O vulto do rei Luiz cresceu depois de sua abdicação, e hoje está no pantheão da gloria, que é o céu das memorias humanas.

Quando se entra no annexo da Baviera, que está fóra do acanhado local que lhe abre o seu sector no palacio da Exposição, respira-se um ar de poesia, uma atmospheria epica, que engrandece o espirito. Os colossaes cartões de Kaulbach, de Piloty, e as pinturas historicas deste, de Horschelt, de Foltz,

de Liezenmayer e de Ramberg extasião! O espirito, depois de elevar-se ás alturas da epopéa e da ode, procura descansar nos idylios ou nas paginas de Adam, de Martin, de Voltz, de Neureuther, e de tantos outros, ou foge para essas balatas, para esses encantos da mythologia do Norte, não menos bella, e mais aerea do que a da Grecia.

Repitamos : Se estivessemos no Brasil, aconselhariamos a Academia das bellas-artes a mandar seus pintores e architectos para Munich, Dusseldorf ou Berlim, e seus esculptores para a Italia.

Estamos na Austria. A arte deste grande imperio não está na Exposição, está em Vienna, está na Ringstrasse, a mais bella e magnifica rua da Europa! O architecto prepara o nicho e o muro para a estatua e a pintura. A *Esmeralda* do Sr. Pollak foi pintada com a luz rosea da manhã : é um painel que illumina a galeria! Não vemos Geiger, o historiador, mas vemos os admiraveis desenhos de Grottger e de Ruben, que é um compositor e desenhador primoroso. Os seus *Hussitas expirando na caverna* tem uma alliança das mais nobres qualidades de Buonaroti e Rembrandt. Que desenho e que luz mysteriosa e poetica!

A *Batalha de Zentha* e a de *Nordlingen*, do Sr. Blaas, estão bem longe da sua cupola, no incomparavel Arsenal de Vienna, que rivalisa com a do Pantheão de Paris, por Gros, em desenho, composição e colorido!

Ha alguns paineis de genero, e retratos de grande merecimento, sobretudo o de uma dama, e de uma joven vestida á antiga. Porque occultarão estas bellezas seus nomes? Seria por ciumes de seus possuidores?

A Confederação Suissa já não tem o seu Calame, o paizagista rei, que pelo desenho e pelo colorido melhor soube descrever a natureza em todas as suas phases risonhas e tristes. Ha nos 112 paineis do seu annexo muito boas paizagens, mas nada fóra das obras soffríveis que se veem pela Exposição. Quasi tudo tem um ar de reproducção, como certas musicas que se ouvem, que agradão, mas que não arrebatão.

D'entre os 42 paineis hespanhóes, ha dous de um merito

supremo : o *Pontifical na capella Sixtina*, de Palmaroli, onde se vê um dominicano prégando diante da Curia romana; e o *Interior de um tribunal hespanhol*, sem número e nome, se me não engano.

A *Isabel Catholica dictando seu testamento*, feita pelo Sr. Rosales, é uma composição razoavel, mas de um colorido pouco transparente. Onde se foi o colorido da escola hespanhola? Se ella tivesse feito uma reacção para o bello, para a pureza das fôrmas, bem; mas nem isto-apresenta. A pintura actual hespanhola está como a sua modernissima litteratura : é realista.

Chegamos a Portugal. Perdoem-nos nossos irmãos. Nada vemos de saliente, fóra o pincel do Sr. Annuniação; o do Sr. Luppi é o que hoje se chama a revelação de uma grande esperanza.

Se o Governo portuguez se tivesse dirigido a El-rei o Senhor D. Fernando, este principe admiravel teria salvado Portugal da penuria que mostra, e mandado os preciosos thesouros artisticos que ornão seus magnificos aposentos nas Necessidades, em Cintra e Mafra. No *Enéas* do professor Fonseca se verião

Cousas que juntas se achão raramente!

Ao pé deste primor classico de estylo e colorido fulgurarião os magnificos paineis dos Srs. Rodrigues e Metrass, obras dignas de se emparelharem com as boas das outras nações. Os proprios artistas que alli tem seus paineis estão convencidos de que tem obras superiores.

Bem pequenina é a Grecia, e no emtanto apresenta a *Antigone*, do Sr. Litras, que é um primor d'arte : desenho, luz e pincel admiraveis!

A Suecia e a Dinamarca se excedêrão. Os paineis d'El-rei Carlos XV tem bastante merecimento, e muito para um principe. Nestas duas galerias o que mais encanta são as viagens que se fazem até á Laponia, e a diversidade daquellas naturas do Norte nas estações risonhas e sombrias. El-rei, para

contentar seus subditos, fez duas paizagens, representando o inverno na Suecia e o estio na Noruega.

A arte do Norte não tem cunho proprio, é a arte do Meiodia representando scenas hyperboreas.

A Russia, pelos esforços do Governo e pelos productos da Polonia, brilhou. Uma parte de suas glorias, e algumas lembranças disfarçadas de seus horrores, alli se achão ennobrecidas pelo pincel. De todos os seus paineis, o mais expressivo é o da morte da princeza Tarakanoff! A filha da imperatriz Isabel, com o soldado Razomouski, expira afogada pelas ondas do Neva, que se precipitão do resquicio da humida prisão em que Catharina II a encerrára, graças á cupida traição de Radziwil! Serviu-lhe a enchente do Neva aos temores de ver um dia os Russos se lembrarem de que havia uma virgem do sangue de Pedro, chamado o Grande pela sua vontade, e não por suas virtudes. Como obra d'arte, como desenho e colorido, já fallámos do colossal mosaico, que faz empallidecer e acanhar tudo quanto a Italia mandou neste genero.

Repassando pela Italia, que não mostra hoje sua antiga superioridade, diremos ainda duas palavras sobre seus mais bellos paineis. A pagina mais bella, apezar de todos os esforços do Sr. Ranzi, é a *Ophelia* do Sr. Rapisardi; pagina que revela um sonho de amor, porque é um retrato. O original é digno de todas essas harmonias chromaticas, de todos esses reflexos mysteriosos, de toda essa magia da arte!

Um camarista de hoje não faria a mesma pergunta que fez o de Jacques Iº vendo a Rubens embaixador; porque se naquelle tempo, segundo a resposta de Van Dyck, os pintores se divertião em ser diplomatas, tambem hoje os diplomatas se divertem em ser bons pintores, como nos mostra o Marquez d'Azeglio, que foi mais que diplomata, sendo ministro de Estado! A sua floresta é feita largamente, e o carvalho illuminado do segundo plano está pintado como o faria Daguerre e Coignet!

Certamente ha bastante merito no painel do Sr. Guastaldi, representando o *Heroismo dos Tortonenses*, sitiados por Barbarossa; mas este merito não dá á escola italiana, diante das

outras, o realce que obteve na esculptura, tão justamente louvada. Assim acontece aos Estados Pontifícios. Ha um painel, o do Sr. Zuccoli, que representa os *Primeiros martyres do christianismo*, e esse painel é de pequenas figuras.

As pinturas expostas pelo Imperio Ottomano estão assignadas por Labbé, Diaconesses, Montani e Launay! Os verdadeiros crentes ainda não reformarão o Koran nesta parte como em outras. Admira-nos de que não viesse uma unica producção de algum vassallo christão, o que nos parece revelar que a Turquia preza o luxo e despreza as artes. A revolução da imprensa ainda não está completa, quanto mais a do vapor e electricidade!

Deixemos o Egypto, que só expôz os desenhos da viagem de Sua Alteza; perpassemos pelos curiosissimos paineis e albuns chinezes, sempre os mesmos, como se ha seculos tivesse vivido um só pintor no Celeste Imperio! e vamos ver os prodigiosos progressos dos nossos conterraneos dos Estados-Unidos.

Os 75 paineis dos Estados-Unidos attestão o alto grão de civilisação daquelle paiz, que mais brilharia se o seu Governo, por motivos economicos, não tivesse abandonado aos recursos dos expositores a Exposição. A paisagem é salientissima! *As montanhas Rochosas*, do Sr. Bierstadt, tem uma poesia de colorido incomparavel. O pintor escolheu um desses momentos em que o sol traça o seu arco brilhante, doura uma parte dos penedos, em quanto a outra, já sombreada por nuvens carregadas, forma o mais feliz contraste de luzes que é possivel. Os dous paineis do Sr. Chirch, *o Niagara* e *a Chuva tropical*, são duas verdadeiras torrentes, e obras bem dignas de emparelharem com *o Crepusculo*, do Sr. Gifford, e *os Alamos*, do Sr. Colman. O zephyro parece murmurar com as aguas por entre aquelles troncos e aquellas folhagens, tão naturaes que encantão!

No genero historico ha duas paginas de um merito incontestavel: *a Côte republicana* e *Maria Stuart ouvindo missa em Holyrood, de volta da França*.

No primeiro painel se vê Washington, o maior homem

dos tempos modernos, e seus companheiros no meio de uma esplendida reunião de homens e senhoras. A figura do immortal Americano se destaca de toda a sociedade pela simplicidade do seu traje, pela sua attitude modesta e nobre. Vimos no palacio de São Christovão o retrato de Washington, pintado pelo Senhor D. Pedro II. Que valor immenso não terá no futuro essa tela?! essa homenagem de estima de um Principe tão illustre e illustrado ao fundador de uma nação, hoje respeitada por todas as potencias do mundo.

Lá chegaremos com o tempo e com as virtudes do patriotismo. D'aqui a trinta annos teremos vinte milhões de habitantes, e então!.... Quem nos dera renascer no seculo vigesimo, para admirar os esplendores da verdadeira França antarctica, a quem Deos concedeu por limites o Prata e o Amazonas!

As pinturas que o Brasil mandou estão abaixo da realidade. *A Moema* não é a melhor obra do Sr. Meirelles, e as miniaturas e desenhos á penna, que vierão, não tem o merecimento de obras correctas ou notaveis. A paizagem do Sr. Vinet escureceu na viagem, e pouco tem da esplendida vegetação intertropical. Porque não vierão algumas paizagens do Sr. Motta, algumas flôres do Sr. Carvalho e algumas cabeças do Sr. Nascimento? *A Destruição das florestas*, do Sr. Taunay, apesar de seu colorido, produziria um grande effeito, porque ha neste painel uma boa composição, um perfeito character da vegetação brasiliense, e uma idéa que significa um nobre e vidente protesto.

Se lá estivessemos, uniríamos os nossos esforços e conselhos aos dos distinctos varões que tanto fizerão para a nossa Exposição, e se não ha engano e vaidade da nossa parte, cremos que o Brasil daria uma melhor idéa de si no que toca ás bellas-artes.

Para o Brasil nesta grande revista de paineis e de escolas, só ha de proveito o conselho que ousamos dar á Academia, conselho baseado em alguns estudos, observação prolongada e conhecimentos locaes.

No dia em que as Camaras legislativas pedirem aos pin-

tores brasileiros um concurso para uma serie de paineis representando os grandes factos da nossa historia, começará a pintura a florescer entre nós. A guerra com o Paraguay offerece tudo o que a arte póde desejar de mais variado e pittoresco.

Agora, sigamos esse povo de estatuas em marmore, bronze, ferro, gesso, plastica, e discorramos sobre esta arte monumental, que ennobrece os povos, adorna o solo e falla a todas ás gerações.

A estatua publica é um arauto de civilisação; onde ella não existe, ha barbaria : é um epinicio de marmore ou de bronze, elevado pelo poder ou pelo povo, que tem uma significação civilisadora, e contém um exemplo de grande alcance. Alfieri foi inspirado do amor da gloria passeando por entre os cenotaphios de Santa-Cruz, em Florença, vendo allí evocados, pelo cinzel, Miguel-Angelo, Galileo, Dante, Lanzi, e Machiavel! E lá está elle.

Depois da morte de David d'Angers e de Pradier, a estatuaria franceza não tem subido. A gravura de medalhas ainda não apresentou depois da iconographia de David trabalhos modelados com tanta profsciencia e alma como aquelles.

O Sr. Rochet expöz os modelos de duas estatuas equestres, o da de D. Pedro I, e de Carlos Magno. Não vimos a estatua equestre da praça da Constituição, mas podemos assegurar que o modelo enviado a concurso pelo escultor para este monumento era mais bem concebido do que a obra. Um grande Brasileiro nos disse na Allemanha, sobre esta estatua, o seguinte : « O cavallo mata o cavalleiro. » No modelo exposto agóra, com a intenção de ser executado para Portugal, está o Fundador do Imperio do Brasil com o chapéo na mão, e com um ar pouco magestoso. Mais feliz é o grupo de Carlos Magno.

Uma estatua equestre não é sómente um retrato, é uma grande idéa personificada. A de Emmanuel Philisberto por Marrocheti diz tudo, porque representa o seu heróe embainhando a espada. O heróe que combateu contra a liga de Smalkalde, que se distinguiu no sitio de Metz, que ganhou

a batalha de São Quintino, que esposou a filha do rei de França, está alli dizendo : « Entrei com honra nos meus Estados; quero gozar da paz : não preciso mais da espada. » A famosa estatua equestre de Frederico II é mais que uma estatua, é um pantheão das glorias militares, scientificas e artisticas da Prussia : resume os triumphos de uma época. Rauch era um genio! Ainda fallaremos das estatuas equestres.

A graça que os Francezes tem no pincel, possuem-na os Italianos hoje no cinzel : o marmore estatuario, entre as mãos dos filhos da Ausonia, parece cera!

Das duzentas estatuas e grupos de bronze e marmore que expôz a França, incontestavelmente a melhor é a estatua do Sr. Cambos, denominada a *Cigarra*. É uma rapariga tiritando de frio, e sobraçando um alaúde. Parece que o espirito de Canova guiou a mão do admiravel esculptor! Que rosto bello e expressivo! que fórmas venusinas, e que escopro sem maneira! Todas as Psychés, Lesbias, Evas, Angelicas, são estatuas ao pé daquella vida em marmore!

Este bello trabalho, esta excellente estatua, que teve tantos admiradores, é inferior á do Sr. Argenti, denominada *Um sonho aos quinze annos!* O Sr. Conde d'Aquila, por algumas horas, não ficou com o diamante da Exposição, tão depressa se vendeu! Não ha palavras para descrever este primor de verdade e singeleza!

Como trabalho technico, e grande merecimento, apresentou a escola franceza varias estatuas, taes como o *Joven equilibrista*, do Sr. Blanchard; o *Virgilio*, do Sr. Thomas, que rivalisa em perfeição e delicadeza de cinzel com o Sr. Dubray, autor da estatua da imperatriz Josephina, porque a sua M<sup>lle</sup> Mars em nada lhe é inferior : o marmore se desfiou em rendas e se fiou em sedas. Vimos muitas vezes na scena e fóra della a famosa actriz, e parece-nos que está pouco semelhante na estatua.

O Sr. Carpeaux, autor do vivaz *Pescador napolitano*, foi muito mais perfeito neste trabalho do que na reproducção do seu *Ugolino*, que está nas Tulherias.

O Sr. Guillaume expôz uma estatua de Napoleão I<sup>o</sup> que

recorda a de Chaudet, hoje no museo de Berlim, e com ella seis bustos do mesmo heróe, figurando as seis phases de sua vida, e as seis modificações de sua physionomia, que são grandes desde Brienne a Santa-Helena.

Mas de todas as estatuas de Napoleão Iº, a que mais sensação causou no publico foi a do professor Vela! O heróe vencido em Waterloo está sentado, envolvido em um cobertor na parte inferior do corpo, tendo no collo o mappa da Europa, e como que pensando no que vai dictar. Ao igual de Alexandre, Cesar e Carlos Magno, soube estampar-lhe no rosto o Sr. Vela um mundo de glorias, de remorsos e de desenganos : o seu busto surge daquella massa de marmore com uma vida, que parece animado. É o sol no occaso! Nunca pudemos ver esta obra d'arte nas horas publicas, porque tinha sempre em roda povo de todas as classes.

Que quantidade de idyllos, de sujeitos futeis e graciosos, de bustos, de phantasias, mais ou menos bellos, que para se descreverem seria preciso um em-folio!

Mas antes de passar ás outras escolas, façamos justiça aos quatro baixo-relevos do Sr. Triqueti, destinados para decorar a capella Wolsey, em Windsor, onde a rainha de Inglaterra consagra um monumento de dôr e de saudade á memoria de seu esposo, o principe Alberto de Saxe-Coburgo. O autor desta obra luxuosa dá-lhe o nome de *Tarsia marmorea*, por se parecer com os trabalhos toreuticos dos Italianos do xivº e xvº seculos. Seja o que fôr, esta obra, este mosaico de marmores gravados e esculpidos, é um trabalho de grande merecimento, e de um aspecto novo!

A esculptura franceza está mais alta do que a pintura relativamente. A da Belgica não lhe é inferior.

A estatua equestre de Leopoldo Iº, pelo Sr. Geefs, é uma boa obra, mas está bem longe da estatua de Guilherme Iº, rei da Prussia, feita pelo Sr. Drake! Ha magreza no todo, magreza que deverá augmentar na praça publica, em que os reflexos do ar devorão uma parte dos contornos.

Muito divertiu o publico da Exposição os grupos em barro do Sr. Harzé, representando sujeitos comicos tirados

das peças de Shakespeare, Molière, e de outros poetas. O grande merecimento destes grupos está na vida, mimica, e accessorios da composição.

A estatua de Ambiorix, rei dos Eburos, é uma composição engenhosa e significativa. O barbaro, vencido só por Cesar, tem por pedestal um dolmim druidico, e nobremente assenta as suas plantas sobre este rustico altar, circulado de uma gradaria composta das armas de seu tempo.

Ha no parque duas estatuas colossaes, que ornarão uma das portas de Antuerpia, as quaes tem pretensões michel-angescas, mas que estão longe da grandeza, força e sciencia do mestre florentino. Poucos artistas alcançarão as victorias de Bandinelli em modelar colossos. A Bavaria de Schwanthaler resente-se muito de algum preceito escolastico, que a torna sobremaneira pesada. Aquelle principio de Miguel-Angelo, que ensina a não alterar as proporções e os detalhes de um edificio projectado, sejam quaes fõrem suas proporções, não pôde sempre convir á esculptura : cada arte tem seus meios. O que engrandece as proporções das figuras da capella Sixtina, o que as agiganta e dá-lhes um aspecto magestoso, é o que se acha no *David* e no *Moysés* do grande mestre : cabeça e extremidades pequenas; e a não haver este cuidado, e feito com criterio e gosto, teremos uma especie de engrimanço, um monstro desagradavel.

Da esculptura allemã apparecêrão alguns trabalhos meritorios, e a cidade de Dresda se avantajou muito com as obras do fallecido Rietschel e do professor Schilling, com o seu grupo da *Noite*, que deverá ser collocado na escadaria do Terraço que se alpendra sobre o rio Elba.

Os esculptores berlinenses pouco mandarão, e desta vez nenhum se elevou ás alturas do Sr. Drake, e nem á do Sr. Kiss, autor da famosa *Amazona*, que orna a entrada do museo velho, da qual ha uma copia mal reduzida no jardim do Marquez de Abrantes, em Botafogo.

Em geral, a esculptura é mais ou menos igual entre as nações que se seguem, e apenas diverge nos sujeitos; mas onde esta arte toma um character de superioridade incontes-

tavel é na Italia. Não é só a quantidade, é também a qualidade! Ha obras de uma belleza e de um lavor incomparavel!

Os esculptores da chamada escola classica menosprezavão os plintos, accessorios, e supportes de suas estatuas. A arte consistia em modelar bem um deltoide, uns peitoraes, uma rotula ou um trapezio, e deixar o mais ao esboçador; os modernos não querem isto, querem o que se vê em todas as estatuas da secção italiana, nas quaes ha plintos e encostos trabalhados com a maior attenção!

Vimos as estatuas da capella de San-Severino, em Napoles, onde está uma figura envolvida em uma rede, toda vasada no marmore, e destacadas muitas malhas; vimos ahi mesmo um Christo morto, coberto com um véo todo de marmore; temos visto muitas obras delicadas, atrevidas, mas ainda tinhamos que admirar no grupo do Sr. Bernozuolli os seus *Amores dos anjos!* Ha neste grupo uma linha na roupagem inferior, que pega com as flôres surgidas do plinto, que é uma maravilha de movimento e de cinzel.

Que admiraveis trabalhos mandou o Sr. Tantardini, e outros! Não gostámos da *America* que está com *Colombo*. Physionomia falsa, adornos improvisados, e uma attitude insignificante. A observação que fizera um critico allemão, o Sr. Semper, de que os Italianos enviárão muitas escravas á primeira Exposição de Londres, nos mostra que o espirito artistico é um reflexo do sentimento nacional. Magenta e Solferino fizerão desapparecer as escravas; mas lá vem um ainda, que nos faz recordar a dôr que teve o *Cantor dos sepulcros* quando soube do tratado de Campo-Formio.

Será a convenção de Setembro um motivo de dó ou de alegria para a Italia? Deos é que o sabe. Eschylo disse que o tempo só respeita aquellas cousas em que elle entra como principal materia. A prompta morte de Roma poderia fazer resuscitar tantas autonomias seculares, e tantas rivalidades mantidas pela politica, e pelos odios inveterados de longas e crueis represalias, de que abunda o passado.

Notámos nas estatuas dinamarquezas a influencia da escola de Thorwaldsen, quer seja do seu ultimo ensino na

patria, quer dos modelos que deixára. São frias, não tem a vida da estatuaria italiana e franceza, de que se não pôde dizer : Estatuas de estatuas. O grande amor da antiguidade quando degenera produz isto; e a frieza, que se nota em muitas estatuas antigas, provém de que estas também são copias de originaes gregos, feitas nas fabricas romanas, como hoje se fazem por toda a parte.

No meio desta nação marmorea, e por assim dizer quasi que n'um recanto da Exposição, se achão duas estatuetas, meia-natura, que são de abysmar! São do Sr. Phytalis! No seu *Soldado hellene* ha tudo o que de mais alto e bello revelou-nos a antiguidade! Com que intelligencia, com que sentimento do bello, e com que nobreza e sciencia está executada aquella obra?! Dir-se-ha que o Sr. Phytalis não é mais do que uma reincarnação de Phidias.

Defronte deste pequeno portento está um grupo do Sr. Victor Bastos, autor do monumento a Camões, em Lisboa, que é uma obra de merecimento, e na qual ha cousas de que a esculptura portugueza nunca pensou, desde o barroquissimo Machado até seu illustrado discipulo, o Sr. Assiz, que se tornou independente do máo gosto de seu mestre, e de quem lamentamos a ausencia completa no sector de Portugal.

Junto ao trabalho do Sr. Bastos está um grupo fundido em bronze, modelado pelo Sr. Fonseca, pintor portuguez, que revela no seu todo o talento do autor. Fóra do sector, no parque, junto ao formosissimo anexo portuguez, está a estatua equestre de D. Pedro, imperador do Brasil, rei de Portugal e duque de Bragança. O original está na cidade do Porto. O Sr. Calmels é um esculptor de elevado talento, discipulo de Pradier, e autor de muitas obras estimaveis. No tempo em que reinou o gosto pelas estatuetas, produziu elle algumas que passárão por obra do mestre! Não lhe podemos tecer maior elogio.

Os Estados-Unidos vencêrão a Inglaterra na estatuaria. Os tres grupos do Sr. Rogers são tres maravilhas d'arte! e o busto de Lincoln, do Sr. Volk, não é pedra, é carne

animada. Uma estatua que tambem chama a attenção do publico, pela novidade e belleza da execução, é a estatua do Caçador indio, muito superior em character ao Chactas sobre a sepultura de Atala, que se resente da ausencia da natureza. Não ha alli o homem americano, cuja physionomia não podião alterar as festas de Versailles, os sermões de Bossuet, e as comedias de Molière, porque a renovação das selvas e da antiga vida o devião restaurar á sua primitiva natureza.

A Republica Argentina, expondo as pinturas do Brasileiro Pallière, não deu uma tão alta idéa de si como a do Chile. O grupo, que o Sr. Ricardo Suares expôz, representando um Defensor da patria, tem altas qualidades, e promete — se o ambiente social de seu paiz o favorecer e fortificar — mais um grande esculptor á America.

A esculptura brasileira foi representada pelo Sr. Chaves Pinheiro, e com uma audacia digna de louvor, para quem conhece as difficuldades com que lutára este corajoso e patriota esculptor, fazendo a estatua equestre do Senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil.

Já dissemos que uma estatua equestre não é sómente um retrato, mas uma idéa, um hymno heroico personificado em um grande vulto historico. O Sr. Drake, a convite do vice-consul do Brasil na Prussia (1), depois de contemplar com muita attenção esta obra, disse: « O que eu mais admiro nesta obra é a perfeita proporção que ha entre o cavalleiro e o cavallo, que é talvez a cousa mais difficil de se obter; e que está feita com muito mais senso na estatua do Filho do que na do Pai, cujo cavallo está mais bem anatomizado do que este. » Aconselhou ao artista um serio estudo do movimento dos membros do cavallo e da cabeça deste, assim como dos systemas muscular e vascular. Não importa: esta obra colossal prova que o Sr. Chaves Pinheiro é um artista corajoso, e que na historia da arte brasileira ninguem lhe

(1) O Sr. Joseph Behrend, que tão bons serviços prestou á Commissão de estudos.

tirá a gloria de ter sido elle o primeiro d'entre os seus que fez uma estatua equestre.

A estatua equestre do Senhor D. Pedro II já está decretada no coração de todos os Brasileiros, e se ha de em breve inaugurar, mas outro será o pensamento. O completador da Independencia ainda tem um resto de sua gloriosa e santa missão a realisar, para tornar o seu monumento a representação de uma grande idade, o symbolo de uma civilização completa. A sua inscripção se resumirá nestas palavras :

#### A DOM PEDRO SEGUNDO

##### O BRASIL AGRADECIDO.

Seria um nunca acabar se tivéssemos de relatar peça por peça os productos das artes industriaes. Os paineis da casa de Marechal, em Metz, pintados sobre vidro, são trabalhos superiores a tudo quanto se tem feito até hoje, mesmo ás vidraças que ornão as frestas da nave direita da sé de Colonha, feitas na fabrica real de Munich, e offerecidas pelo rei Luiz I<sup>o</sup>.

Os productos das fabricas ceramicas, os das fundições, e os da ourivesaria, são de abysmar. A Inglaterra expôz cousas admiraveis, dignas de rivalisar com tudo o que a França, a Italia e a Allemanha estadeárão em seus pomposos sectores.

Por outro lado a galvanoplastica se apresenta competindo com as mais atrevidas fundições, não só em perfeição, como em tamanho! No estado a que levárão esta arte Jacobi e outros, a galvanoplastica pôde hoje reproduzir-nos uma estatua equestre, assim como ja produziu o fuste colossal da columna Trajana, os bustos colossaes de Rossini e de Halevy, e a estatua de Cesar!

Os trabalhos galvanoplasticos da typographia imperial de Vienna, que tanta sensação fizerão no mundo artistico e industrial, são hoje degráos da altura a que subiu este invento admiravel!

Discorramos um pouco sobre a architectura, que é o traje

das nações, a arte que nobilita a patria, que falla aos estranhos, engrandece os nacionaes, e marca no itinerario das gerações o gráo de civilisação, de progresso e de decadencia dos que a cultivarão. Grande monarcha, grande pedreiro! porque a pedra significa idéas, labor e opulencia. O egoismo não edifica, porque vive para si, e fóra da sociedade : a casa é uma necessidade individual, e o monumento uma idéa generosa.

O Campo de Marte é uma verdadeira encyclopedia architectonica. Dentro e fóra da Exposição se achão brilhantes specimens de todo o genero de construcções e de estylos. Que formosas armações na grande galeria das maquinas e nos sectores de todas as nações! Alguns architectos brillarão, não só pelo bom gosto, como pela boa escolha e propriedade de algumas armações características.

A tenda chineza, o atrio egypcio, o coruchêo do Ganges, o frontão de Athenas, o arco da Etruria, a cupola romana, a arcada arabe, a fresta ogival, o zimbório catholico, e todos os estylos mixtos, como a arte byzantina, as graças da renascença, as conchillagens barrocas, e todas as construcções e fórmãs campestres, alli se achão representadas com perfeita imitação e propriedade local.

No sector da China, lá está essa arte original, em que a tenda e o bambú dominão, toda adornada de xarão e porcellana, e tão lustrosa e brilhante como o jade e o ouro. O Japão, todo irriçado e espinhoso nos seus ornatos e acrothérios, mandou-nos a imagem de seus guerreiros antigos, em cujas mascaras, principalmente na do cavalleiro, antevemos como que uma origem da face do deos Visitilipoxtli dos Mexicanos. Os architectos tiverão felicissimas lembranças, e as desenvolvêrão com talento. Os sectores de Marrocos e da Turquia nos dão uma idéa perfeita dos dous paizes, pelo estado da sua industria. Lá vimos cousas usadas por nossos maiores, e alguns artefactos ainda muito usados na Hespanha e Portugal.

A Russia ostenta uma armação original, toda de madeira, no sentido das suas izbas e templos do interior. Defronte

lhe está a armação da Italia, no puro gosto da bella renascença. Alli se respirão as Lojas de Raphael. Portugal fez tudo em relevo, e tudo no estylo manuelino, como em Belém, como nessa obra maravilhosa, que é como a epopéa de Camões um mixto da arte christã com adornos da do paganismo.

Na da Suissa, ha um leito nupcial, que é uma maravilha pelos seus véos, pelo desenho, e pelo gosto que em tudo reina. Não sei porque se fugiu de alli fazer um chalet, que se presta a bellissimos arranjos decorativos.

O Sr. Chapon quiz dar alguns laivos da architectura americana nas armações das republicas nossas vizinhas, e nós mandámos fazer uma floresta virgem, com o tecto recortado e transparente, para ali reunir a preciosa collecção de madeiras do Brasil, e a mais numerosa da Exposição.

Se ha povo que menos tenha estudado as relações que devem existir entre a architectura domestica e a hygiene, é o povo portuguez, na Europa e na America. Em geral, só as casas modernas de Portugal é que apresentam algum melhoramento sensivel. No Rio de Janeiro, a cidade das tres portinhas, não procurarão nossos pais, já não digo melhorar de condição, mas pelo menos combater os inconvenientes do clima.

As leis municipaes, monumentos vulgares e ineptos, são a causa principal deste defeito e mal, que durará por muitos annos ainda, em quanto os camaristas nomeados pelos povos fôrem os representantes de outras cousas, que não as municipaes.

Já dissemos no Rio, que as posturas da camara municipal não tinham a palavra architecto! Tudo está dito e explicado com esta omissão. Sem querer tomar da architectura pompeiana e da arabe o que nos convem, e que é proprio para o nosso clima, pediremos a introdução das telas metallicas nas bandeiras das portas em vez de vidros. Por estas bandeiras circula o ar, mas quebrado em suas correntes. Assim como os Russos tem vidraças dobradas e triplicadas, podemos tambem ter duas, ou meia, de tela metallica, que terá as vantagens de impedir a entrada dos mosquitos, de deixar passar o ar,

sem ser encanado, e de se ver o que ha na rua sem della ser visto. A arte de construir tem mil e um meios de tornar isto agradavel á vista.

Quando virá o dia em que o Governo reunirá um congresso de medicos, engenheiros e architectos, para que nelle se assente o que convem á hygiene publica e á educação da infancia? O obituario dos diarios nos está mostrando que ha um Herodes continuo e implacavel, de que ninguem cura de combater, e não curará sem que certas verdades uteis e necessarias venhão substituir a pratica de uma vida, que póde ser melhor e obter uma população mais sã, mais robusta, menos biliosa, e mais feliz. A esta hygiene nas construcções domesticas, na qualidade da nutrição, e na educação physica do homem, devem a Inglaterra e a Allemanha a belleza e força de sua população. Corpo são, mente sã, já se dizia antes de Christo vir ao mundo.

Devemos trajar de outra maneira, e não vestirmo-nos de panno preto, como o Inglez, para evitar o que causa o carvão de pedra. Basta de mal imitar.

Nos povos obturados pelo orgulho, ou materializados por seus principios e praticas, a perfectibilidade encontra todas as resistencias e todos os attritos imaginaveis. As artes não são para elles uma necessidade do espirito, um ornato de sua vida social, um gozo e uma delicia individual. Quando a vara e o covado erão o sceptro, e o telonio o throno do Brasileiro; quando o espirito colonial, reflexo do metropolitano, só via na gaveta e na enxada os dous polos da vida social, e no ouro a unica realidade; quando as artes e as sciencias erão consideradas e vistas pelo prisma da decadencia de Roma, porque a colonia de D. João III não era de seus antepassados, se edificou no Brasil o que era preciso para o homem e para o culto, e se continuou a edificar, mas em tudo quanto se fez não apparece em sua generalidade o sentimento do bello.

Assim devia de ser. D. João III e o terremoto forão os maiores flagellos de Portugal: o rei abateu o espirito, e a terra a materia: trevas e ruinas!

As ostentações e o beaterio de D. João V, a sua inveja

de Luiz XIV, e a edificação de Mafra, derão exemplos de luxo, grandeza e arte, por causa dos Italianos que trouxeram a capella de S. João Baptista, que é uma maravilha deslocada na igreja em que está. Aquelles paineis de mosaico, aquellas columnas de lapis-lazuli, aquellas maravilhosas esculpturas, aquellos tocheiros de prata, sem iguaes, fizeram muito no animo d'el-rei e de seu povo.

Ergue-se Mafra, cujo aspecto denuncia o estado do espirito do governo. Um ourives, um *afilhado*, foi seu primeiro architecto, e o autor de todas as desharmonias que alli se encontram, dos contrastes de grandes pensamentos, de obras artisticas e vulgares!

A colonia resentiu-se, e foi quando ella melhorou na construcção de seus templos, pois que na de suas casas e palacios, lá estão ainda em Alfama os typos primitivos, e nas pesadas casas dos nobres a norma de tudo quanto se fez no Brasil com aspiração ao grandioso.

Seria o amor do bello que importou aquellas maravilhosas estatuas da Italia, e o primor de Bernini? Não; porque el-rei só lá foi uma vez, depois de acabada a obra.

Nas colonias inglezas, francezas e hespanholas houve mais elevação, porque nas suas metropoles se prezavam mais as artes. Na historia de Rubens está explicado tudo. Entrou em todos estes Estados, e parou na fronteira de Portugal! porque o rei que o chamára o despedira.

Já nos dialogos do mestre Hollanda com Miguel Angelo Buonaroti vem retratado o máo espirito peninsular, provado depois nos *Luziadas*, e no apreço de seu autor.

Se não fôra Pombal, a reconstrucção de Lisboa seria a de uma nova Alfama, com mui pouca differença; porque o obscurantismo da Censura e do Santo Officio tinha penetrado no amago da maioria da nação. A litteratura daquelles tempos o está dizendo. Do espirito que a nutre e que a fecunda, é que se evolão essas particulas que fomentão os progressos das artes e da industria.

Tudo o que é progresso sahe do esforço humano. Quizemos e fizemos locomotivas e encouaçados perfeitos.

Fizemos a Independencia, satisfizemos nossas ambições politicas, mas não reagimos contra as outras idéas coloniaes; ficámos em divida sobre immensas cousas, porque o egoismo politico é tão esteril como o despotismo sem illustração. A agiotagem politica deu-nos uma banca-rota funesta para os progressos politicos e moraes.

Quantos engenhos admiraveis se tem emergido e offuscado na urna eleitoral, pelo predominio das idéas coloniaes, que só reconhecem virtude e gloria no mando e na riqueza! Quantos desanimos e transviamentos de vocações se tem operado entre nós pelo despatriotismo dos que só prezão serviços pessoases!

O cyclo desta época está terminado : feliz da geração vindoura, que ha de achar completada a Independencia, na realidade da Constituição. As tentativas actuaes, e os sacrificios em acção, farão a nossa gloria no futuro.

Damos por findo este trabalho, que será para muitos o folhetim deste Relatorio.

Sabemos que não attingimos a altura e vastidão do sujeito, nem abraçámos toda a sua extensão e intensidade : circumstancias e occurrencias independentes de nossa vontade; deveres imperiosos de outro serviço; viagens indispensaveis e trabalhadas, collocarão nosso espirito em um circulo pouco favoravel ao estado que requerem estes estudos, mais serios do que julga muita gente.

Só nos resta agradecer ao Governo Imperial as graças e mercês que nos fez, e pedir-lhe cordialmente perdão de tanta insufficiencia.